



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO

A CAIXA DOURADA:

UM JEITO DE FAZER TEATRO A PARTIR DE MINI-OFFICINAS NA PEDIATRIA DO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JOÃO DE BARROS BARRETO

DAYANE DE ABREU SILVA MACHADO

BELÉM-PA

2018

DAYANE DE ABREU SILVA MACHADO

A CAIXA DOURADA:

UM JEITO DE FAZER TEATRO A PARTIR DE MINI-OFFICINAS NA PEDIATRIA DO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JOÃO DE BARROS BARRETO

Monografia apresentada à Escola de Teatro e Dança da
Universidade Federal do Pará, como requisito final para
obtenção do grau de Graduação em Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

BELÉM-PA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

MACHADO, Dayane de Abreu Silva

A CAIXA DOURADA: Um jeito de fazer teatro a partir de mini-oficinas na pediatria do Hospital Universitário João de Barros Barreto; orientadora Prof.^a. Dr^a Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida. 2018.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Teatro, 2018.

1. Teatro de animação. 2. Teatro e crianças. 3. Oficina teatral. 4. Teatro - psicoterapia. I. Título.

CDD – 22. ed. 792.07

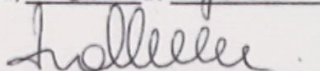
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos cinco dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às dezesesseis horas, reuniu-se no Auditório da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (orientadora e presidente), Claudia Gomes da Silva examinador(a), Kauan Amora Nunes examinador(a), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do (a) aluno (a) DAYANE DE ABREU SILVA MACHADO, intitulado: A CAIXA DOURADA: um jeito de fazer teatro a partir de mini oficinas na pediatria do Hospital Universitário João de Barros Barreto. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

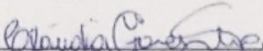
O trabalho foi Aprovado com conceito excelente (9,0) com as seguintes observações revisão ortográfica e adequação de USB às normas da ABNT

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

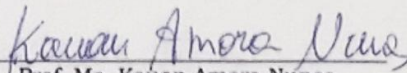
Belém, 05 de junho de 2018



Profa. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida
Orientador (a)



Profa. Me. Claudia Gomes da Silva
Examinador (a)



Prof. Me. Kauan Amora Nunes
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processo de fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura:  _____
Dayane de Abreu Silva Machado

Local e Data: Belém/PA, 12 de Junho de 2018

DAYANE DE ABREU SILVA MACHADO

Dedico esta monografia aos meus rebentos, **Izabele, João Marcelo e Júlia Elis**. É por vocês que eu vivo. À **Elaine Xavier**, por todo o cuidado e amor de mãe que recebi, pelo exemplo de caráter, de determinação e de competência. À **Patrícia Pinheiro**, fundadora do projeto de Extensão Teatro Com-Vida, uma das pessoas mais humanas com quem tive o privilégio de conviver. Ao professor e querido amigo **Aníbal Pacha**, gênio inspirador do fazer teatral e pessoa impar no mundo. Ao meu marido **Marcelo Machado** por sempre ter lutado pelo nosso amor. À minha avó **Marcelina Moraes**, por ter cuidado de mim. Às minhas irmãs **Rayane e Thayane**, para que ousem voar. E ao meu tio **Cléber Pinheiro** (*in memoriam*) que me ensinou a amar a arte, a lutar por uma vida melhor e a olhar as pessoas com calma.

Por todo o amor que me deram, obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conduzir nesta difícil jornada que é a vida.

Agradeço à minha filha Izabele, cuja compreensão e amor me deram força e motivação para viver. Obrigada por todo esse amor puro e verdadeiro.

Elaine Xavier Prestes, minha amiga/mãe, inspiração de vida, dizer obrigada é pouco diante de tudo o que você fez por mim. Eu lhe agradeço por ter me incentivando (e intimado) a concluir esta graduação, sem você isso nunca seria possível. Agradeço pela feliz convivência que tivemos e por todo o AMOR.

OBRIGADA Ivone Xavier por ter aceitado me orientar nesta empreitada.

Obrigada Patrícia Pinheiro por sempre ter acreditado em mim, por ter me proporcionado a oportunidade incrível de viver o Projeto de Extensão Teatro Com-Vida e pela sua generosa ajuda a este trabalho.

Agradeço muitíssimo ao professor Aníbal Pacha, por me mostrar uma nova, ampla e profunda maneira de ver e viver as Mini-Oficinas.

Fica registrado aqui a minha sincera gratidão a todos os professores e funcionários da ETDUFPA; à Ana Gama pela eficiência e humanização como profissional. Agradeço pelas contribuições deixadas pelos alunos que passaram pelo projeto Teatro Com – Vida, especialmente à Tamilis de Abreu e à Kayo Conká.

Agradeço à minha querida Mirian Andrade, cuja a amizade fora imprescindível e o apoio imensurável. Muito obrigada por todo o amor e, por favor, me perdoe por ter lhe decepcionado, eu queria ser uma pessoa melhor.

Agradeço a Camyla Melém, por ter me escutado e me apoiado em todos os momentos de angústia e tristeza. Obrigada pela amizade tão sincera de sempre.

Muito obrigada aos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia da Pedreira (PA), da IASD do Ibes, em especial à Eliana Gomes, à Juliana Andrade, à Juliana Cagnini e a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

DAYANE DE ABREU SILVA MACHADO

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos [...] e conheça todos os mistérios e toda a ciência... Se não tiver amor, eu nada serei”.

(Paulo de Tarso – I Coríntios 13)

RESUMO

MACHADO, Dayane de Abreu Silva. **A Caixa Dourada**: um jeito de fazer teatro a partir de mini-oficinas na pediatria do Hospital Universitário João de Barros Barreto. 2018. 84p. Trabalho de conclusão de curso. Escola de Teatro e Dança. ICA/UFPA. Belém, Pará.

Este trabalho de conclusão de curso é o resultado de uma pesquisa desenvolvida com mini-oficinas, que aconteceu na pediatria do Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB) nos anos de 2011 e 2014, dentro do projeto de extensão Teatro Com-Vida (TCV), e que tem como objetivo: Participar da criação e aplicação/manipulação de mini-oficinas como método de coleta de histórias de pacientes hospitalizados na pediatria do HUJBB. Para discorrer sobre o objeto, escolhi dialogar com os seguintes autores: Ana Maria Amaral (2011), Patch Adams (2002), Lúcia Helena Freitas (2005), entre outros. O modelo metodológico escolhido para compor este estudo foi o qualitativo, abordando especificamente a pesquisa participante, dialogo com Teresa Maria Frota Haguette (1999). Na primeira fase do trabalho descrevo o percurso preparatório dos alunos/atores na descoberta do espaço hospitalar como local para receber o teatro no formato de mini-oficinas com o objetivo de coletar histórias dos pacientes. A segunda etapa constitui-se em levar para o público escolhido as mini-oficinas e registrar o procedimento. A terceira etapa é uma síntese de todo o processo do fazer teatral no hospital, da coleta ou não coleta de histórias dos pacientes, das implicações existentes, dos desafios imprevistos, das soluções viáveis e da resposta do paciente à intervenção e o jogo lúdico que se estabeleceu entre ator, objeto e paciente na pediatria.

Palavras chaves: Teatro de animação, saúde, oficina, amor.

ABSTRACT

MACHADO, Dayane de Abreu Silva. *The Golden Box: a way of doing theater from mini-workshops in the pediatrics of the University Hospital João de Barros Barreto*. 2018. 84p. Completion of course work. School of Theater and Dance. ICA / UFPA. Belém, Pará.

This work is the result of a research developed with mini-workshops, which happened in the pediatrics of the University Hospital João de Barros Barreto (HUJBB) in the years 2011 and 2014, within the extension project Theater With-Llife (TCV), and whose objective is: Participate in the creation and application / manipulation of mini-workshops as a method of collecting stories of patients hospitalized in the pediatric HUJBB. To discuss the object, I chose to dialogue with the following authors: Ana Maria Amaral (2011), Patch Adams (2002), Lúcia Helena Freitas (2005), among others. The methodological model chosen to compose this study was qualitative, specifically addressing the participant research, dialogue with Teresa Maria Frota Haguette (1999). In the first phase of the work, I describe the preparatory course of the students / actors in the discovery of the hospital space as a place to receive the theater in the format of mini-workshops with the purpose of collecting patients' stories. The second step is to take the chosen workshops to the chosen audience and record the procedure. The third step is a synthesis of the whole process of theatrical production in the hospital, collection or collection of patient stories, existing implications, unforeseen challenges, viable solutions and the patient's response to intervention and the playful game that he established between actor, object and patient in pediatrics.

Key words: Theater of animation, health, workshop, love.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Teresinha Cantanhede e TAMILIS ABREU manipulando objetos hospitalares como proposta cênica para o HUUJBB.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 2 - Foto da preparação da mini oficina com Aníbal Pacha.	37
Figura 3 - Treinamento entre os membros do grupo Kayo e Dayane.	37
Figura 4 - Fotos da preparação das mini-oficinas.	38
Figura 5 - Ateliê.	42
Figura 6 - Confecção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.	43
Figura 7 - Confecção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.	43
Figura 8 - Confecção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.	44
Figura 9 - Confecção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.	44
Figura 10 - Bandeja sendo utilizada no processo das mini-oficinas.	45
Figura 11 - Registrando a oficina no caderno.	5247
Figura 12 - Registrando as oficinas no caderno em um corredor paralelo à pediatria.	53
Figura 13 - Oficina na pediatria.....	61
Figura 14 - TAMILIS fazendo a oficina. Destaque para a folha cor de rosa em formato de chapéu.....	62
Figura 15 - Limpeza dos corredores da pediatria.	63
Figura 16 - TAMILIS conversando com as crianças internadas da pediatria.....	63
Figura 17 - Kayo Konká na pediatria.....	64
Figura 18 - Aniversário de uma das integrantes do grupo TCV.....	68
Figura 19 - Grupo de Alunos do Teatro Com-Vida 2014: Murilo Olegário, Patrícia Pinheiro (fundadora e coordenadora), Aníbal Pacha (coordenador e encenador), Dayane Machado, Terezinha Cantanhede, TAMILIS ABREU, Kayo Konká, Larissa e Priscila Puentes.....	68

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	11
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA.....	22
CAPÍTULO 2 – ETDUFPA.....	23
CAPÍTULO 3 – A TERAPIA DO AMOR: O TEATRO NO HOPITAL.....	25
3.1 TEATRO COM-VIDA: Entrelace de Histórias.....	30
3.2 Eu quero fazer parte!	31
3.2.1 Os desafios e propostas, as experiências e o até breve	34
3.2.2 O retorno ao projeto Teatro Com-Vida.....	35
CAPÍTULO 4 – O QUE É MINI-OFFICINA?	39
4.1 A materialização das ideias – Construindo as Mini-Oficinas.....	41
4.1.2 O ateliê.....	41
4.2 Experimentação do processo entre os integrantes do grupo Teatro Com-Vida (TCV) na ETDUFPA e em outros locais.....	45
CAPÍTULO 5 – ABORDAGEM AO PACIENTE DE MANEIRA INDIVIDUAL.....	47
5.1 Coletando e registrando histórias dos pacientes do HUIBB.....	50
5.2 Observando as mini-oficinas de Kayo Konká e Tâmilis Abreu.....	61
5.3 Sensações.....	64
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
APÊNDICE.....	71

INTRODUÇÃO

“Todo esforço é nulo, se a borboleta não rompe o casulo.”

Alonso Rocha

A escola onde eu estudei alguns anos do ensino fundamental tinha uma pequena biblioteca com alguns poucos livros velhos e em péssimo estado de conservação, muitos deles riscados ou rasgados. Um dia tive que ir à sala dos professores na hora do intervalo e percebi que ao fundo da sala tinha um livro muito bonito, colorido e de capa dura, eu não tinha livros em casa, mas eu gostava de ler tudo o que podia, lia até as bulas do remédio da minha avó. Decidi me aproximar do professor de língua portuguesa, perguntei a ele sobre o livro, ele levantou e me conduziu à estante e quando abrimos as portas da parte inferior do móvel, tal foi a nossa surpresa ao nos depararmos com um armário cheio de livros, livros dos mais diversos estilos, cores e tamanhos. Lindos, coloridos.... Um verdadeiro tesouro escondido.

Lembro que o livro que eu vi era amarelo com um lindo desenho de céu azul, nuvens branquinhas e uma pipa colorida na capa, naquele momento me senti com o tesouro do pote do arco-íris em minhas mãos. Perguntei ao professor se eu poderia leva-lo para casa com a condição de devolvê-lo dois dias depois, ele conversou com a secretaria e eu o levei... O mais absurdo é que nenhum professor, nem secretários ou qualquer outro funcionário sabiam ou lembravam-se da existência daqueles livros, só a diretora e o vice, também não sei a quanto tempo eles estavam ali guardados ou quais eram os planos para o uso. Dois dias depois devolvi o livro como combinado e peguei outro, e depois outro e outro, contei a uma amiga sobre o que havia acontecido, ela contou para a irmã mais velha, a irmã contou para alguns colegas da turma do oitavo ano, e de repente, havia um alvoroço porque todos queriam levar um livro para ler em casa, foi quando finalmente o professor de língua portuguesa viu ali uma oportunidade de usar aquilo para as suas aulas, e eu, de

alguma forma me sentia responsável e muito feliz com todo o movimento e interesse despertado nos alunos, talvez, não pelo acaso.

“Os dados da pesquisa Retrato da leitura no Brasil, feita pela indústria editorial no ano de 2000, mostram uma relação muito estreita entre o grau de instrução e o hábito da leitura e revela também que o grande entrave para a melhoria dos índices de leitura é o da falta de acesso. Esta se expressa de várias formas, inclusive a percepção de que livros são caros e também a declaração de que as pessoas não têm dinheiro para comprar livros.” (LINDOSO, p. 183, 2004).

Milhares de municípios não tem biblioteca pública, como exemplo deste vilarejo onde estudei no interior da cidade de Barcarena-PA, em que nem mesmo na escola havia acesso a outros livros que não fossem os didáticos distribuídos pelo governo federal, aumentando assim o número de pessoas que jamais teriam oportunidade de ingressar no fantástico mundo da literatura. Quantas vidas poderiam ser transformadas através dos livros, do conhecimento, do mergulho na oportunidade de instrução além daquela que consta nos boletins.

O esporte, as manifestações culturais e as diversas formas de linguagens artísticas fazem uma ponte de oportunidade de mudança de vida para pessoas que se encontram a beira da marginalidade socioeconômica e cultural. Todo ser humano têm direito ao conhecimento. Quando isso não acontece o país padece e a nação sentirá em poucas décadas o peso da omissão e do roubo de oportunidades para com o povo.

A construção do hábito da leitura deve ser introduzida desde a tenra infância, quando isso não acontece todas as áreas da vida são afetadas.

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico,

mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.” (Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242 - Art. 3º, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.)

Um dia eu estava guardando os tecidos do quarto de costura da minha avó, encontrei um jornal velho e nele tinha uma reportagem com uma foto grande que me chamou a atenção, era um grupo de teatro de Belém - cujo nome por muitos anos eu não conseguia lembrar - um grupo de pessoas com nariz vermelho, roupa colorida e engraçada, tudo bem longe do naturalismo e não tinha semelhança alguma com nada que eu já tinha visto, eles eram palhaços, lindos palhaços.

Algumas vezes sonhei com um grupo de estudos, pessoas completamente desconhecidas, um sonho estranho e tão real. Só entendi a relevância desses fatos aparentemente isolados e insignificantes anos mais tarde, foi uma espécie de reencontro. Particularmente acredito que nada é por acaso, há um propósito para que tudo aconteça.

Anos mais tarde, quando voltei a morar e estudando na cidade de Belém, fui convidada para participar de um projeto da Feira Pan-Amazônica do Livro (ano IX - 2005) através do Polo IV da SEDUC – PA. Só os melhores alunos de cada escola seriam escolhidos para fazer parte de um grupo de estudo sobre um escritor paraense. A experiência foi sensacional, dezesseis alunos foram selecionados para pesquisar a vida e obras da escritora Lindanor Celina. Estivemos diariamente reunidos durante seis meses. Uma dessas reuniões aconteceu exatamente como no sonho que eu tivera aos 10 anos de idade, foi um *dejavú*, todo o processo de preparação, ensaio e estudo foi mágico e especial. No ano anterior ao evento, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Vereador Gonçalo Duarte, onde eu cursava a sétima série (8ano/9) foi contemplada com uma oficina de teatro oferecida pelo Curro Velho, na época eu praticava atletismo no contra turno das minhas aulas. A biblioteca empoeirada e inabitada era a única sala que tinha ar condicionado além da secretaria, e era lá que estava acontecendo as tais aulas. Um dia, por curiosidade fui ver uma amiga na aula de teatro, mas ao entrar a professora me informou que eu deveria participar das atividades que aconteceriam, caso contrário

eu não poderia permanecer em sala, minha presença poderia encabular os participantes. Um pouco contrariada e temerosa resolvi ficar e conseqüentemente, participar das atividades misteriosas.

Era tradição nesta escola que nas feiras culturais temáticas as turmas competissem por pontuações nas dinâmicas e uma das mais esperadas eram as encenações. Durante minha permanência na escola escrevi, dirigi e atuei nesses espetáculos. O grupo se reunia para planejar o que seria feito, alguns alunos ficavam responsáveis pela dramaturgia e direção. Os ensaios na escola eram supervisionados e motivados pelos professores tutores de cada grupo ou série, mas sempre sentíamos necessidade de ensaiar fora do horário de aula. Tudo acontecia ali discutido entre nós e os temas eram da mais alta relevância para juvenis que viviam a margem da sociedade, falávamos no geral sobre saúde física, mental, emocional, social. Entendíamos que só falar “*não use drogas*” e colocar um cartaz no mural não seria tão impactante quanto ver a representação dos iminentes danos que ela causa ao indivíduo e em conseqüência também à sociedade como um todo.

Crianças assim como eu na época, de famílias pobres do bairro do Jurunas, reféns de uma vizinhança sedutoramente perigosa e onde a maioria não tinha estrutura emocional e financeira em suas famílias com lares destruídos diariamente por causa das drogas, DST`S, prostituição e criminalidade. A maioria dessas crianças crescia sem ter moradia digna e alimento minimamente adequado para o sustento. Estudar parecia ser a única tábua que os sustentaria antes de serem submersos por uma tempestade fugaz em um oceano de problemas, dificuldades e falta de oportunidade.

Como educadora, entendo hoje, mais do que nunca, a tentativa desesperada, empenhada e política dos meus professores em “salvar” vidas, eles não estavam apenas tentando tornar um conteúdo atrativo e diferente do comum ou passando um conteúdo para que a turma aprendesse ou decorasse determinado assunto, acredito que queriam nos motivar para que de alguma forma, pudéssemos acreditar em um futuro possível e lutar por uma vida saudável e feliz.

“Quando uma comunidade se dispõe realmente a cuidar das necessidades da saúde de todos, problemas como o da habitação, do crime, dos suicídios, das drogas e da poluição tornam-se problemas de todos... Somos seres sociais e precisamos uns dos outros. Não podemos continuar subestimando o nível desta necessidade.” (ADAMS, 2002, p. 78)

A proposta das encenações na escola não eliminava os riscos na comunidade e tão pouco resolviam de forma prática ou imediata os inúmeros problemas daquelas pessoas, mas sem dúvida, eram motivacionais, estimulantes, incentivadoras e impactantes, pelo menos foi para mim e, graças a isto a minha vida tomou um novo rumo.

Confesso que nunca usei drogas ilícitas em minha adolescência, ou me prostitui ou desisti de estudar mesmo com todas as dificuldades financeiras e emocionais, porque aquelas peças amadoras feitas por alunos de forma empírica e rústica, naquela pequena e estranha escolinha de ensino fundamental, de fato, foram altamente relevantes para minhas futuras decisões e também para cultivar o sonho de seguir em frente e mostrar a outros jovens que eles também poderiam ter opções, que não precisavam se deixar conduzir pela dura realidade social em que viviam e que não podiam desistir de tentar viver com qualidade, saúde e honestidade.

No livro *“A importância do ato de ler”* Paulo Freire contextualiza em três artigos o sistema educacional, a importância da educação e o posicionamento que educadores devem ter, tornando-se revolucionários, deixando para trás o autoritarismo e comprometendo-se não só a informar, mas a criar junto com os educandos, aprender e ensinar com eles simultaneamente, a instigar o pensamento crítico, formando um povo consciente e que lute pelos seus direitos.

“A educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades. Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a

colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive os educandos a pensar certo. [...] Uma educação que não favoreça a mentira, as ideias falsas, a indisciplina. Uma educação política, tão política quanto qualquer educação, mas que não tenta passar por neutra...” (FREIRE, 2009. p. 86).

Os textos que escrevíamos para as peças da escola eram dramáticos e longos, tinham sempre muitos personagens para que boa parte da turma pudesse representar, e as histórias se subdividiam em núcleos.

A família e seus variáveis conflitos eram sempre um fator determinante dentro do trabalho e, sem dúvida, era também o que mais emocionava os espectadores. As histórias eram inspiradas na vida dos alunos, tinha muito de todos nós em cada cena, em cada situação, em cada palavra da dramaturgia. Outro tema para os roteiros também falava sobre ciências, matemática, biologia e as lendas amazônicas. Ao mesmo tempo em que aprendíamos um tema, conto, história ou lenda nova aprendíamos sobre cultura, história do mundo, histórias da nossa região e nos encontrávamos dentro do mundo e como parte dele na sociedade.

Usávamos recursos básicos, a sonoplastia era escolhida e algumas vezes até mesmo editadas, providenciávamos figurino e preparávamos o cenário. Todas as funções eram previamente determinadas e bem divididas para que o espetáculo envolvesse o máximo possível de alunos e, posteriormente, os espectadores, que eram outros alunos, pais, professores e demais funcionários da escola. Contrarregras, atores, roteiristas, diretores, encenadores que eram aqueles alunos que não gostavam de falar em público, mas que preparavam tudo e auxiliavam os atores para o grande espetáculo. Tudo era pensado e planejado em meio a impetuosas reuniões entre os alunos.

Certo dia meus colegas de turma contaram que aconteceria uma oficina de teatro na escola no contra turno das aulas, mas eu fazia atletismo no mesmo horário que seria a oficina e também eu não queria participar da oficina de teatro por medo,

no fundo eu sentia que seria um mergulho no desconhecido. Estava tudo confortável, fazíamos as peças apenas duas ou no máximo três vezes por ano e só na escola, então para quê fazer aulas de teatro? Mas eu gostava de atuar e da sensação que até hoje sinto antes de entrar em cena, nada era mais pleno do que perceber o público e sentir que por um instante, estávamos ligados e compartilhando todas as indescritíveis sensações e pensamentos. Diante desse pensamento decidi participar da oficina, e tudo era muito diferente do que estávamos acostumados a fazer na escola e do que eu pensava ser teatro. A professora Ester Sá¹, comandou um pequeno grupo durante mais ou menos um mês, com jogos, leituras, improvisações. Eu aprendi com a oficina entre tantas coisas, que o teatro nos dava a possibilidade de sermos mais criativos, sensíveis ao outro e ao mundo, a professora Ester Sá nos ensinou maneiras poéticas e musicalizadas de encenar, e realmente, foi um mergulho em um universo desconhecido, que até então, só contemplávamos receosos bem de longe. Antes da oficina tudo o que fazíamos era de forma empírica, mas depois foi uma dilatação de tudo o que achávamos que sabíamos sobre teatro, comportamento, coletividade e sobre nós mesmos; foi uma amplitude de visão sobre o mundo, e de repente os meus sonhos não cabiam mais dentro de mim e nem naquele lugar, a busca por querer saber mais e viver mais de tudo aquilo é até hoje indescritível. Segundo Maria Montessori *“a verdadeira educação é aquela que vai ao encontro da criança para realizar a sua libertação.”*

Ao término da oficina o grupo apresentou um esquete no coreto principal da Praça da Batista Campos. Depois de alguns dias veio o convite de uma técnica do polo IV da SEDUC para que continuássemos com as apresentações, só que agora em outros espaços e escolas. Patrícia Pinheiro², a funcionária que nos estimulou a continuar o trabalho era atriz e conhecia Ester Sá, logo ela convidou o grupo para assistir um espetáculo do grupo de teatro Palhaços Trovadores.

A primeira vez em que fui assistir ao espetáculo deparei-me com uma linda surpresa, lembrei-me da foto dos palhaços no jornal que vi na casa de minha avó, os

¹ Ester Sá é atriz, arte-educadora, cantora e figura influente no cenário artístico paraense.

² Patrícia Mara de Miranda Pinheiro é professora na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), doutoranda, atriz, clown no grupo Palhaços Trovadores e fundadora do projeto de extensão Teatro Com-Vida.

palhaços eram os mesmos, eram eles os seres encantadores que admirei durante algum tempo naquele jornal velho, tive certeza de que eram eles quando lembrei que havia procurado no dicionário Aurélio o significado da palavra: *“trovador” - que ou aquele que divulga, cantando ou declamando, poemas próprios ou alheios, aquele que compunha e, por vezes, cantava composições poéticas*. Nunca sonhei que um dia eu pudesse sair daquele vilarejo esquecido no interior do Estado e que eu pudesse vê-los pessoalmente. Ter descoberto esse mundo tão encantador do trabalho de clown, mesmo sendo apenas como espectadora abriu a minha mente para novos horizontes e me conduziu a novos rumos, novos gostos, novas ideias e ideais, foi então que comecei a sonhar com um futuro diferente.

Infelizmente o grupo de teatro formado a partir da oficina do Curro Velho na escola Vereador Gonçalo Duarte não vingou por muito tempo, mas no ano seguinte veio a proposta da Gincana Literária da Feira Pan-Amazônica do Livro³ e com ela a única certeza de que eu poderia ser uma agente transformadora do mundo, assim como o teatro e as pessoas do teatro foram para mim. Continuei a minha caminhada estudantil vinculada a oficinas de teatro e posteriormente também à música. E quando ingressei na universidade no curso de Licenciatura Plena em Teatro foi um marco importante, afinal, eu fui a única em toda a minha família a ingressar na universidade, e principalmente, porque o curso seria um conduto que me levaria a atingir o meu objetivo de lecionar o ensino do teatro para crianças, jovens e adultos.

³ A Feira Pan-Amazônica do Livro é reconhecida como o maior evento de fomento à leitura do Pará e o terceiro no Brasil (Fonte: <http://www.setur.pa.gov.br/eventos/xxii-feira-pan-amazonica-do-livro-2018>).

CAPÍTULO 1 METODOLOGIA

“[...] a subjetividade das ciências humanas não é obstáculo ao conhecimento; ao contrário, é condição necessária para atingí-lo, à medida que a prática que é a prática social – e não a prática científica –, que constitui o ponto de partida e de chegada do processo de conhecimento”. (BENOIT VERHAEGEN, apud THIOLENT, 2000. p. 70)

Identifiquei que para compor este trabalho de conclusão de curso a metodologia de pesquisa participante, baseado na escritora Tereza Haguette (1999) seria a mais adequada para a fundamentação da proposta. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, sua perspectiva principal nos leva a compreender: Como as *Mini-Oficinas* contribuem para o processo de coleta de histórias dos pacientes hospitalizados no Hospital Universitário João Barros Barreto (HUJBB). E de como seria o retorno dramaturgicamente dessas histórias coletadas e transformadas em espetáculos a serem apresentados no hospital.

“O termo pesquisa-ação e pesquisa participante têm a mesma origem, a psicologia social de Kurt Lewin, e em alguns pontos comuns como a crítica à metodologia da pesquisa tradicional das ciências sociais, especialmente no que se refere a sua falta de neutralidade e objetividade; a recusa de aceitação de postulado de distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa, o que remete à necessidade não só da inserção do pesquisador no meio, como de uma participação efetiva da população pesquisada no processo de geração de conhecimento, concebido fundamentalmente como um processo de educação coletiva; finalmente, o princípio ético de que a ciência não pode ser apropriada por grupos dominantes conforme tem ocorrido historicamente, mas deve ser socializada, não só em termos do seu próprio processo de produção como de seus usos, o que implica na necessidade de uma ação por parte daqueles envolvidos na investigação (pesquisador e pesquisado) no intuito de minimizar as desigualdades

sociais em seus mais variados matizes (desigualdade de poder, de saber etc.)” (HAGUETTE, 1999. p.109)

Haguette (1999), acredita em uma aptidão individual de maior ou menor grau que os cientistas sociais possuem:

“Existem qualidades inatas que a formação sistemática não tem condições de fornecer. Assim é que aqueles agraciados ‘com o dom’ da comunicação e da eloquência se tornam excelentes professores enquanto outros, pacientes, curiosos, criativos e pertinazes buscam a investigação e a pesquisa como pilar mestre de sua profissão. O bom treinamento pode fornecer as ferramentas, mas nunca suprirá a vocação inata.” (Idem. p.155)

Os pesquisadores participantes buscam anular as desigualdades impostas pela sociedade trazendo as pessoas para o igualitário nível humano, onde todos são iguais, e onde, titulações e *status* são barreiras desnecessárias. Ainda segundo Haguette (1999), pesquisa participante (PP) é uma vertente sul americana da pesquisa-ação. Um processo orgânico na produção do conhecimento científico organizado.

CAPÍTULO 2

ETDUFPA

O projeto de extensão Teatro Com – Vida, sempre fez parte da minha trajetória acadêmica. Em 2011, entrei no projeto como voluntária e pouco tempo depois me tornei bolsista. Foi instigante e desafiador. No princípio havia muita experimentação sobre o que deveria ser feito para levar “teatro” ao ambiente hospitalar. Tínhamos muitas atividades, no princípio até me assustei, mas a coordenadora Patrícia Pinheiro nos conduzia seguramente e apontava um caminho de descobertas e experiências a ser desbravado.

Sempre existiu um foco bem definido na pesquisa, foi quando percebi que esse não era um projeto qualquer, senão um projeto de doação de vidas. Quem quer que esteja neste projeto terá que se conscientizar e se preparar para enviar a sua vida a outras vidas – e mortes.

Com o projeto em estágio embrionário, tínhamos muitas ideias, propostas e demandas a atingir, mas a equipe (na época apenas três estagiários e uma voluntária) era bastante unida, generosa em partilhar as descobertas e desdobramentos das encenações.

Antes que eu entrasse no projeto, participei de uma “*ida de clown*” ao HJBB com alguns amigos e inclusive com a Patrícia Pinheiro, que pouco tempo depois seria minha professora e fundadora do projeto Teatro Com – Vida, na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA).

A insegurança nasceu em mim quando chegou a hora de experimentarmos as *Mini-Oficinas*. Eu tinha muitas dúvidas sobre o que eram exatamente as *Mini-Oficinas*, confesso que me causava pânico só em pensar que eu teria que ministrá-las sozinha, ou seja, individualmente com o paciente. Questionei várias vezes a necessidade de executá-las, não conseguia entender exatamente a profundidade das implicações da troca entre atores e pacientes e mais até, de indivíduo para indivíduo sem o peso dos títulos e rótulos. Para mim, só coletar as histórias não justificava o procedimento, porque também poderíamos obter o mesmo resultado com outros métodos, abordagens simples, pesquisas (questionários), interação de cortejos ou mesmo após a apresentação dos espetáculos pura e simplesmente. Os meus bloqueios pessoais pesaram bastante neste processo e demorei a entender a complexidade da aproximação entre nós e os pacientes individualmente.

Eu não tenho muitas habilidades para criar objetos, a mini oficina propõe uma materialização palpável do encontro entre ator/manipulador e paciente/espectador, e muito além disso, entre pessoa e pessoa sem o peso de titulações. Acabamos experimentando algumas coisas, mas só serviu para me fazer ter certeza de que este método era desnecessário e que não funcionava, era o que eu pensava, mas felizmente, eu estava enganada. Eu estava apavorada, mas não cogitei a

possibilidade de desistir em participar do projeto e o meu próximo passo seria entender este processo e utilizá-lo.

Fiquei apenas dezesseis meses no projeto, depois acabei saindo do Curso de Licenciatura Plena em Teatro. Apesar de tudo, eu amava estar ali, naquele lugar, era maravilhoso, sempre saíamos com ricas experiências e motivados a voltar, mas quando se tratava de *Mini-Oficina*, algo me incomodava profundamente, entrei em crise várias vezes.

Retornei para a universidade um ano depois com um novo olhar e uma bagagem de experiências em hospitais: como funcionária, paciente, acompanhante, atriz e pesquisadora. Com o meu regresso também ao projeto, decidi enfrentar essa crise e desvendar esse novo olhar de fazer e sentir o teatro no hospital e o hospital dentro do teatro através das *Mini-Oficinas*.

CAPÍTULO 3

A Terapia do Amor: O Teatro e o seu lugar no Hospital

O teatro é um portal que dimensiona o espectador para uma fantástica viagem ao mundo da linguagem artística. Ele pode englobar a música, as artes plásticas, as cênicas, a dança, a poesia, a literatura, tudo em um só espetáculo dependendo da escolha do trabalho.

Através do teatro podemos contar a história do mundo sem dizer nenhuma palavra. Gestos, pantomimas, manipulação de bonecos e/ou objetos e expressões faciais e/ou corporais bem definidas garantem a total compreensão da dramaturgia. Sim, a linguagem do teatro pode ser, dependendo da escolha do seu formato, uma linguagem universal que não necessite de tradução ou explicação para ser compreendida e sentida. Um idioma único, inteligível, em que pessoas de todas as idades, credos ou nação podem entender e identificar-se com a sua ação. Tal linguagem não poderia ser mais complexa.

O teatro, no entanto, é minimizado e até marginalizado, sendo taxado para alguns como uma ferramenta pontual de entretenimento. O teatro também pode ser isso, porém, na realidade ele é mais, muito mais; ele é tão importante quanto as

grandes engenharias, tão importante quanto maquinários futuristas, tão importante quanto a ciência, ele é o reflexo do íntimo do ser humano. A linguagem teatral está ligada a tudo, à psicologia, à estética, à antropologia, aos sentimentos mais profundos que movem (ou que paralisam) o ser humano.

O Hospital é um lugar de passagem para quem necessita de cuidados com a saúde. Todos que por algum motivo permanecem neste lugar por um determinado período de tempo, necessitam também manter-se conectados ao mundo e a si mesmo, e o teatro independente de qual seja a sua especificidade, pode ser o conduto de esperança, nostalgia e alegria que fará restaurar o homem ao seu mundo.

“As palavras arte e medicina têm sido a muito tempo associadas. O significado de ‘ciência da medicina’ está claro e inclui tecnologia, farmácia e pesquisa. Mas o que significa ‘arte da medicina’? Arte é o estilo em que a ciência é empregada, um modo coadjuvante, o modo como se exprime a compaixão, se promove a harmonia da equipe ou apenas se comunica. O verbo de ação da arte, criar, inclui o modo de buscar soluções, fazer pesquisas e equilibrar complexidades.” (ADAMS, 2002 p.132)

Patch Adams é um médico americano fora dos padrões. Fundador do *Gesundheit Institute*, que em livre tradução significa Instituto SAÚDE, dedica a sua vida para transformar o comportamento humano e o mundo em um lugar diferente. O habitual jaleco branco, símbolo de sua profissão, deu lugar ao nariz vermelho, à roupas extravagantes e a muito amor por seus pacientes.

Ainda bem jovem, antes mesmo de ser médico, buscou solucionar questões existenciais em meio a sua dor quando ele havia desistido da vida. Descobriu a resposta para si e para o mundo.... Quanto mais ele percebia o que faltava nele mesmo e no convívio social, mais consolidava a consciência e o sonho que estava prestes a mudar a sua vida e a de milhares de pessoas.

“[...] percebi a importância do amor e das pessoas que me haviam amado. Eu tinha sido cercado de amor, mas não tinha deixado isso me afetar. Percebi uma profunda verdade pessoal: eu precisava ser aberto para receber amor.” (Ibid., 2002. p.34)

Os anos na universidade de medicina não engessaram o olhar humanitário para com todos que necessitam de cuidado. Aliás, segundo ele, a cura está intrinsecamente ligada ao AMOR e ao HUMOR, sendo um tão importante quanto o outro. Ele percebeu que os futuros médicos eram preparados para o distanciamento do paciente, classificando os indivíduos por suas enfermidades, tratando-os de forma fria e desumana, e que questões essenciais como aprender lidar com a dor da morte não era sequer mencionado.

O projeto piloto do *Gesundheit Institut* iniciou-se em sua própria casa:

“[...] onde eu poderia expressar meus ideais de amar os pacientes e usar o humor e a diversão, livremente, como terapias.... Num ambiente atencioso onde brincadeiras e experiências compartilhadas eram tão importantes quanto os tratamentos médicos.” (Ibid., 2002. p. 48).

O objetivo do seu Instituto é oferecer as pessoas serviço de saúde de qualidade, amplo cuidado em todos os âmbitos da complexidade humana, cura e felicidade, tudo isso gratuito, sem nenhum tipo de custo. Um hospital completamente diferente de tudo o que se tem no mundo, desde a arquitetura, as macas, as cores, e principalmente, o tratamento aos pacientes. Uma clínica aberta a pessoas de qualquer lugar do mundo. O seu sonho tornou-se a sua vida.

“Se todos os sistemas de saúde passassem a servir realmente, a competição poderia desaparecer e todos trabalhariam em favor de uma vida saudável ao custo mínimo possível. [...] Poucas medicações têm tanto poder de prevenir ou dissipar males da mente do que uma regular entrega de si mesmo. Na medida em que os cientistas venham a entender melhor a bioquímica da psiconeuro-imunologia, tornarão claro e compreensível

porque um serviço feito aos outros consegue diminuir dores e, se não curar doenças, pelo menos torna-las mais toleráveis.” Ibid., 2002. p. 71

A partir do sonho de Patch Adams, projetos artístico-terapêuticos semelhantes surgiram em vários lugares do mundo através de artistas que se dispõem a levar arte e alegria para o ambiente hospitalar através da música, do teatro, de poemas e literaturas e de diversas modalidades artísticas e religiosas, um exemplo aqui no Brasil é o grupo Doutores da Alegria⁴.

Como não se identificar e se apaixonar pelo sonho de amar, amar e ser amado? Ser feliz servindo e cuidando?

“Sonhe, sonhe alto. Muito alto. Em algum lugar há uma semente a sua espera.... Venha, compartilhe os sonhos delirantes de alguns pioneiros e ponha alguns dos seus ideais em prática.” (Blomquist, Kathy - ibidem, p. 244)

Este convite não é restrito a profissionais ou estudantes da área de saúde, mas a todos que se identificam com o sonho de ter um país igualitário, solidário, honesto e humano no sentido mais puro da palavra.

Depois de Adams ter desistido de viver quando tentou o suicídio, descobriu-se necessariamente vivo no servir, um conceito que está muito além da compreensão da sociedade em todos os tempos e que vai na contramão do que o mundo tem como ideal de felicidade. O seu amor altruísta é quase inacreditável e amplamente nobre, ele continua vivendo intensamente a cada dia os seus ideais na esperança de

⁴ Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que utiliza a arte do palhaço para intervir junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos e ambientes adversos. Fundada por Wellington Nogueira em 1991, a associação já realizou mais de um milhão e meio de visitas a crianças hospitalizadas, seus acompanhantes e profissionais de saúde. Fonte: <https://www.doutoresdaalegria.org.br/conheca/sobre-os-doutores/> (Acessado em: 17/04/2018).

transformar as gerações e redirecionar o mundo para o caminho em que se perdeu dos verdadeiros valores humanos em meio ao egoísmo e da ganancia.

Fernando Peixoto questiona e tenta esclarece em síntese qual seria o espaço para se fazer teatro na contemporaneidade da sociedade em que vivemos. “O espaço cênico é uma imposição ou uma opção, ambas de natureza social”. (O que é Teatro – 1995. p. 30-31). Ele diz que o espaço teatral hoje pode ser qualquer espaço. Desde uma esquina, um restaurante, um ônibus um galpão e até mesmo um teatro tradicional em formato de “palco italiano”, a denominada “caixa”.

“Há muito tempo a medicina vem sendo considerada uma ciência [...] Entretanto, a medicina surgiu como uma arte e não como uma ciência, da forma como hoje concebemos aquilo que é científico e, por isso, não é extraordinário que ela sempre tenha estado ligada a todas as outras formas de arte desde a sua origem.”. (Dr. Valderílio Feijó Azevedo – Revista Humanidades. PR.

O lugar do teatro é onde tem gente, este é o lugar do fazer teatral! Gente que precise de amor. “As artes e seus incontáveis modos de expressão são mais que importantes coadjuvantes para a medicina, eles são o coração de sua prática bem-sucedida.” (Ibid., 2002. p. 134)

A formação artística ligada a área da saúde tem implicações permanentes e profundas que aproximam as pessoas e que busca restaurar comportamentos sociais distorcidos pelo tempo. A arte no hospital, de forma geral, quer seja por profissionais da saúde ou por profissionais da arte, retoma o princípio do ato de servir na sua forma mais ampla e superabundante de compaixão e amor. Todos os anos de estudo e de conhecimento adquirido por profissionais da área de saúde em sua formação não pode ser um fim em si mesmo; não deve ser sob nenhum aspecto, o conhecimento pelo conhecimento, e sim, o conhecimento pelo serviço/cuidado e humanização.

3.1 Teatro Com - Vida: Entrelace De Histórias

O Projeto de Pesquisa Teatro Com – Vida é fruto inspirado de projetos como o Doutores da Alegria, e também porque não dizer que é inspirado pelo Gesundheit Institute?

Este é o tipo de projeto que se torna um projeto de vida daqueles que sentem tamanha identificação, a ponto de necessitarem viver aquela experiência, com intensidade, verdade e amor. É simplesmente fantástico como esse tipo de projeto na universidade, é arrebatador para quem ousa abraçar a causa.

A essência do Teatro Com-Vida é trabalhar o resgate da vida em um lugar onde ela está em risco, é interagir com o ser humano no momento em que ele está em um processo de fragilidade, e de dor física e emocional. “*Somos seres sociais e precisamos uns dos outros. Não podemos continuar subestimando o nível desta necessidade*”. (Adams, 2002. p. 78)

Ninguém está preparado para morrer, mesmo aquelas pessoas adoentadas que anseiam a morte, na verdade desejam apenas eliminar a dor que existe e cresceu tão imensuravelmente, a ponto de desejar deixar de existir.

O Projeto de Extensão Teatro Com – Vida possibilita que os atores estejam em uma prática artística viva, em um lugar que está o tempo todo em movimento para preservar e salvar vidas. E tudo o que está ligado a este espaço contribui para obter sucesso em seu propósito. Estas experiências determinam e mudam muito a maneira como o docente em teatro lidará com a prática de ensino em outros espaços não formais e também no espaço formal das escolas. A primícia deste projeto de extensão é: cada indivíduo é precioso e igualmente importante, igualmente humano, independentemente de seu estado físico, de saúde, de gênero, estado social, intelectual, étnico, etc., e assim deve ser tratado. Acreditar e lutar por uma sociedade de igualdade de direitos pode parecer utópico, mas não acreditar é cruel.

3.2 Eu quero fazer parte!

Eu sempre gostei da ideia de hospitais, não pela tragédia ou pela dor, mas pela sensação de que quando alguém tem alta hospitalar é porque já “está bem”, ou melhor, curado. Pensei em ser médica, aliás, corri freneticamente atrás deste sonho durante algum tempo. Eu queria curar as pessoas de suas dores, ir a qualquer lugar do mundo para cuidar de quem estivesse precisando. Eu sempre chorava quando ouvia falar das missões dos médicos sem fronteira, eu realmente sentia que isso seria a minha vida, mas como não consegui entrar no curso de medicina, percebi que não importava a profissão que eu exercesse, a minha missão seria fazer a diferença, ser conduzido de amor e de oportunidades para as pessoas.

A Patrícia Pinheiro, coordenadora do projeto de pesquisa entrou em minha vida alguns anos antes de eu ingressar na faculdade, mas eu sabia pouco sobre a proposta de teatro em hospitais. Recordo-me vagamente de ter ido a convite de amigos clowns para fazermos uma visita à ala pediátrica do HUIBB, mas curiosamente minhas lembranças se encerram na entrada do hospital, a única coisa que lembro desta ocasião foi ter conhecido o setor da pediatria em que funcionava um projeto chamado Prosseguir, as crianças e jovens em idade escolar que necessitam permanecer hospitalizadas por muito tempo podem estudar lá mesmo e assim ter a possibilidade de conseguir retomar suas atividades estudantis sem grandes perdas depois que elas recebem alta hospitalar. Das atividades que fizemos no dia só me lembro de uma galinha de plástico na mão de um dos palhaços, lembro das passarelas enormes na entrada do hospital e nada mais, este momento foi como se eu tivesse entrado em transe, completamente fora de mim, mas as sensações são pulsantes.

Quando fiquei sabendo do projeto de pesquisa Teatro Com – Vida, quis muito entrar, mas não consegui bolsa e infelizmente eu não poderia naquele momento, por questões financeiras, ser voluntária no projeto. Eu não podia custear as despesas da minha permanência no projeto, mesmo assim resolvi pedir para entrar como voluntária, eu tinha esperança que algo aconteceria e que eu permaneceria no projeto. Tudo o que eu desejava era estar ali, fazer parte do projeto. E eu consegui, fui

aceita no grupo é até hoje é quase inexplicável o sentido que a minha vida ganhou a partir daquele momento.

O documentário “*Doutores da Alegria*” causou-me um imenso encantamento e em seguida uma vontade indescritível e crescente de fazer algo assim. Quando fiquei sabendo do projeto de pesquisa Teatro Com – Vida, quis muito entrar, mas não consegui bolsa e infelizmente eu não poderia naquele momento, por questões financeiras, ser voluntária no projeto. Mas foi só no ano de 2014 que conheci o sonho de Patch Adams através de um livro que eu comprei na feira do artesanato na praça da república. Encantei-me de imediato, na verdade mais do que isso: ENCONTREI-ME! Tudo gritava para mim, desde as gravuras da capa, o tema e finalmente o conteúdo inacreditável que, afoita, li no sumário. Não tive dúvida, aquele livro tinha que ser meu. O livro custava R\$30 reais, mas felizmente consegui comprar por R\$20 reais (era todo o dinheiro que eu tinha), nem hesitei, comprei e saí de imediato para casa, eu mal podia esperar para desvendar este universo e me encontrar no catártico sonho de Patch.

Durante duas semanas fiquei como voluntária, amando cada reunião. E felizmente, houve a desistência de uma integrante do grupo que era bolsista e logo pude me tornar bolsista, garantindo assim a minha permanência no projeto durante aquele ano. Foi fantástico, senti que era um sinal dos céus.

O grupo de alunos da ETDUFPA era composto por quatro alunos: Daysi Pinheiro, Luciano Lira, Patrícia Zulú e eu, na época Dayane Silva.

Escolhemos alguns textos sugeridos pela coordenadora, adaptamos, produzimos e confeccionamos os personagens, além de participar dos ensaios. Com o espetáculo pronto, um misto de teatro com bonecos de palito fomos ao hospital, e O Pato foi o espetáculo que na época mais emocionou o público e também os atores. Trazia risos acompanhado das músicas ao som do violão do narrador Luciano, e pranto com a identificação do sofrimento do protagonista.

A primeira coisa que nós fazíamos quando chegávamos ao hospital era o reconhecimento do espaço, a cenografia, a partir deste momento determinávamos se a apresentação seria feita em formato de arena ou formato de palco italiano.

Ao término do espetáculo conversávamos com alguns pacientes e eles nos relatavam suas dores na alma, que em muitas vezes, sobrepunha as dores físicas. No mais, o divertido mesmo era ver a interação do público dando conselhos aos personagens e os relatos de *“como é bom que vocês vieram!”*. Isso era a confirmação de que havíamos conquistado confiança, e que ao menos por alguns momentos pudemos transformar a dor e solidão em risos e esperança. Na época a máxima era *O Pato*, esquete de bonecos de palitos que nós mesmos confeccionamos.

A dramaturgia fora adaptada inicialmente para a ala pediátrica do hospital, mas percebemos que era tão lúdico e fantástico com os adultos quanto era com as crianças. Uma dramaturgia simples que se transformava à temperatura de cada enfermaria, ou melhor, à temperatura de cada paciente/espectador. A estória era sobre um jovem pato talentoso que morava em uma singela fazenda no interior do Pará - o nome da cidade ou vilarejo dependia do local onde o/os pacientes moravam, o HUIBB recebe muitos pacientes do interior do estado, assim a estória se passava na cidade do paciente/acompanhante - a cada enfermaria os personagens perguntavam aos pacientes onde eles moravam e então adaptávamos a dramaturgia para criar esta aproximação com os pacientes, que geralmente interagiam com o jogo cênico do início ao fim. O jovem Pato, inconformado com a vida que levava, era meio rebelde, deixou os pais adotivos, a sra. Galinha e o sr. Galo para tentar a vida na cidade grande (Belém) bem na época das festas do Círio de Nazaré. Depois de passar por muitas adversidades e mesmo tendo obtido o sucesso e reconhecimento que esperava como cantor, mesmo ganhando muito dinheiro e viajando por diversos lugares com o seu show bem-sucedido e o seu talento reconhecido, o jovem pato percebe que na verdade, nada de tudo aquilo supria a saudade de seus pais. O Pato deixou tudo e em um reencontro emocionante com os seus pais ele admite que o verdadeiro tesouro que ele buscava estava ali, ao lado daqueles que o amam.

A liberdade para improvisar, a estória tão familiar e um enredo regional, criaram de pronto uma grande identificação com o público, especialmente com os adultos. No final das apresentações sempre surgiam conversas espontâneas e

emocionadas, relatos da vida dos pacientes/acompanhantes. Com ouvidos atentos e corações transbordantes, cada momento era precioso.

Com o tempo este espetáculo se transformou em nossa zona de conforto, sempre que alguma experimentação não obtinha o resultado esperado sentíamos necessidade de investigar os aspectos que contribuíram para o “insucesso” do trabalho e imediatamente dizíamos: “- *Ah, mas se fosse O Pato!*”.

Nós trocávamos o figurino em uma sala dos acadêmicos do hospital ou em parte no carro da Patrícia que nos dava carona por vezes até a ETDUFPA e no caminho conversávamos e revivíamos aqueles momentos de plenitude, não conseguíamos esperar até o dia seguinte no encontro na ETDUFPA para compartilharmos tudo o que estávamos sentindo.

3. 2.1 Os desafios e propostas, as experiências e o até breve

As primeiras idas ao hospital com as mini-oficinas foram um pouco difíceis, ainda estávamos tentando descobrir com exatidão como dominá-las e leva-las para o público de forma que cumprisse o objetivo de coletar histórias dos pacientes. Para nos situarmos em tantas questões do universo hospitalar participamos de palestras sobre higienização, sobre risco de contágio, sobre o processo do luto e também treinamos as oficinas entre os integrantes do grupo e em outros espaços.

Havia o planejamento de que as oficinas pudessem ser o método de coleta de histórias de vida ou estórias inventadas dos pacientes, e a partir dessa coleta recontarmos dramaturgicamente em formato de peça e a apresentarmos no mesmo hospital, como uma espécie de devolução, mas esta fase só aconteceu uma vez, e a análise de como este espetáculo chegaria ressignificado ao mesmo paciente que realatou alguma história/estória – ou pelo menos ao mesmo público hospitalar – também aconteceria em um momento posterior, mas o ato em si de coletar as histórias com as oficinas demandavam mais tempo para aprimoramento e por isso, esta etapa foi suprimida a priori, mas com expectativa de ser feita em um momento posterior do projeto de extensão Teatro Com - Vida.

Outra proposta que não deu tempo para ser posta em prática é a oficina de instrumentação dos participantes do grupo. Foi pensando e planejado que os participantes do TCV tocassem instrumentos para que a prática fosse somada às demais e assim levar mais possibilidades cênicas e musicais para os pacientes/espectadores.

Infelizmente depois de pouco mais de um ano eu tive que parar de ir a faculdade por várias questões pessoais e assim, também encerrei as minhas atividades no projeto.

3. 2.2 O retorno ao projeto Teatro Com-Vida

O período em que passei fora da ETDUFPA sem frequentar o meu curso e o Projeto TCV, trabalhei como caixa de supermercado noturno e posteriormente como auxiliar administrativa na gerencia de enfermagem do Hospital Adventista de Belém. E mesmo longe da prática teatral formal tentei observar e treinar o meu próprio olhar e agir no meu ambiente de trabalho e nos demais setores da vida. Mesmo sem ter certeza de quando eu voltaria às atividades acadêmicas eu tinha esperança de voltar e retomar a minha trajetória na ETDUFPA e também no TCV, e descobrir enfim, com um olhar mais calmo e experiente, o que são as mini oficinas.

A história do projeto e das mini oficinas se misturam a minha história pessoal e, é necessária contá-la desta maneira para que se obtenha o entendimento do quão marcante e importante o curso e o projeto se tornaram em minha vida.

Muitos licenciandos passaram pelo TCV no período em que estive ausente, mas a minha retomada foi imprescindível para que eu pudesse entender e viver com amor e intensidade este fazer artístico sensível e amabilíssimo que é o teatro no hospital. É o fazer teatral que nos faz mais humanos e sensíveis ao outro, ao mundo a vida. É o fazer teatral em uma forma intensa do/de ser.

Retornando ao projeto tivemos uma oficina em várias etapas com o professor e também coordenador do projeto TCV Aníbal Pacha⁵. A oficina visava o entendimento

⁵ Aníbal José Pacha Correia, é professor mestre na Escola de Teatro e Dança da UFPA e membro do grupo In Bust Teatro com Bonecos.

e aprimoramento do ator quanto manipulador das mini-oficinas no hospital. Desta forma a mini-oficina começou a ser olhada pela ótica do teatro de formas animadas e suas vertentes ramificadas. A partir daí tínhamos um ponto mais claro para entender este fazer artístico, foi um caminho mais claro na descoberta e nos desdobramentos das oficinas. As dúvidas que ainda persistiam mesmo três anos depois do início das oficinas começaram a se esvaír. Tudo foi minunciosamente discutido, analisado, transformado, melhorado e entendido através da holística do teatro de formas animadas.

Buscamos compreender o ambiente em que estávamos propondo o fazer teatral e também jogar com os objetos deste local.



Fotografia 1 – Teresinha e TAMILIS manipulando objetos hospitalares como proposta cênica para o HJBB.

Fonte: Priscila Puentes (2014)



Fotografia 2 - Preparação da mini oficina com Aníbal Pacha.

Fonte: Patrícia Pinheiro (2014)



Fotografia 3 - Treinamento entre os membros do grupo Kayo Konká e Dayane.

Fonte: Patrícia Pinheiro (2014)



Fotografia 4 - Fotos da preparação das mini-oficinas.

Fonte: Kayo Konká (2014)

A Mini-oficina posteriormente tornou-se O Ateliê, que são palavras sinônimas. E o seu novo formato também transformou o paciente/espectador em paciente/participante ativo. Também ganhamos bandejas para serem os suportes das caixas douradas que também foram uma grande novidade para o novo jeito de fazer a oficina com os pacientes.

Na primeira versão das mini-oficinas em 2011, preparávamos uma pequena “introdução” com peça teatral para começarmos a oficina.

Antes de ser decido que utilizaríamos as bandejas retangulares, a sugestão era que usássemos paneiros regionais, herança indígena da nossa cultura e que ainda hoje é comercializado no transporte de açaí natural no mercado do Ver-O-Peso, mas os nossos seriam adaptados com pé, mas a proposta de usarmos as caixas douradas e as bandejas confeccionadas com isopor e papietadas foi a escolhida. A ideia principal da caixa e do suporte para ser o corpo da mini oficina era a de tirar do nosso corpo os objetos que carregamos para confeccionar as oficinas com os pacientes, para delimitar o nosso espaço de atuação e tornar algo realmente

individual e prático para carregar e manipular sem que precisássemos recorrer a qualquer objeto, suporte ou móvel do hospital.

Fazer parte de um projeto que busque o enriquecimento teórico e prático na formação do professor de teatro, enviesando a sua área de conhecimento com outras áreas da formação humana é uma grande preparação para os futuros educadores e um excelente laboratório para os atores.

CAPÍTULO 4

O QUE É MINI-OFICINA?

Teatro de Animação é forma, gesto. É noção de estética plástica, cenografia e direção. Mini-Oficina é teatro no sentido amplo desta linguagem artística. AMARAL diz que:

“Teatro é alguma coisa que acontece, num determinado momento e espaço, alguma coisa que se move ou que se diz, e se transforma e, ao se transformar, modifica o ambiente. É uma emoção estética que se comunica entre indivíduos e outros ao seu redor, através de determinadas atitudes, palavras e ações.” (AMARAL, 2011. p. 25)

Mini-oficina é teatro de objetos. “[...] no teatro convencional de ator, o objeto é apenas um acessório, ocupa lugar secundário; no teatro de objetos, ele é o protagonista.” (Idem, 2002. p.142). As mini-oficinas tomavam forma mais definida a cada apresentação, e se consolidavam com uma característica única, a de servir. “Considero o ‘serviço’ como um dos grandes medicamentos da vida [...] O serviço dá a cada um o sentimento genuíno de pertencer à comunidade humana.” (Adams, 2002. p. 72). Servir ao outro é uma demonstração de amor altruísta.

Eu percebi que o ateliê estava se transformando em seu formato a medida que o apresentávamos. Uma dessas maneiras de construir as mini-oficinas se deu através de narrativa de histórias e outra por meio do processo de passo a passo seguindo as instruções de como confeccionar o objeto. E ainda uma terceira forma: juntando as duas primeiras, contando uma história, conduzindo o processo de

montagem com o paciente e enquanto o objeto se transformava de imagem física, era também manipulado intencionalmente para que ganhasse vida. Este último foi percebido como possibilidade durante a execução da oficina com pacientes da pediatria e ainda com um novo desdobramento: A continuação do jogo teatral da criança com o objeto depois do término da oficina. Assim, o ateliê (mini-oficina) trouxe o desafio de construir o objeto da dramaturgia com o paciente/espectador durante uma cena. Transformando-o em diversos outros objetos até a sua concretude, instigando a imaginação de quem ao mesmo tempo ouvia a história e a via materializando-se em suas mãos.

ADAMS (2002) enfatiza sobre o processo de criação e a sua importância para a saúde:

“...Criatividade é o processo de trazer a existência. Portanto um ato criativo, um tal que promova cuidado de alta qualidade, é um produto do eu artístico de cada um. [...] Isso leva ao uso da arte na promoção de bem-estar e na prevenção de doenças. A criatividade é um grande remédio para o criador e o resultado final pode ser um ótimo remédio para quem a experimentar. Tenho certeza de que se a criatividade tivesse sido estudada, ela provaria ser um grande estimulante para o centro psico-imunológico de cada um.”
(Adams, 2002. p. 132)

Ele diz ainda que o ato de criar coisas em conjunto com outro alguém, estabelece uma ligação entre as pessoas e estimula conversas íntimas e profundas.

O objeto, quer seja uma pipa, um marcador de página, uma borboleta feita de origami, bonequinhos de massinha de modelar ao longo da história contada tornava-se um barco, um chapéu, uma bola... E algumas vezes a própria dramaturgia era transformada pelo espectador que contava algo sobre aquelas formas.

Contar e ouvir histórias, manipular e transformar o objeto diante do paciente/espectador definem o ateliê, mas a continuidade do jogo depois do término da oficina foi o que me fez sentir vontade de pesquisar a pediatria, pois o jogo lúdico da manipulação de objetos, da imaginação e da contação de histórias sempre continuava, e com os adultos no DIP não era tão constate e natural quanto era com as crianças.

O aprofundamento do teatro de animação nos ateliês trouxe um novo olhar para dentro do universo do hospital e com possibilidade do fazer cênico surgir em vários formatos e com diversas possibilidades dentro deste lugar.

Para o meu ateliê escolhi desde o princípio – ou desde o princípio fui escolhida por ela - A PIPA para desenvolver a oficina com os pacientes. A pipa é muito popular na nossa região e é símbolo de voo, de liberdade e auto controle, eram justamente esses aspectos que eu pretendia levar para os pacientes, sensação de liberdade, possibilidade de viajar com a imaginação e invocar memórias afetivas.

As maior parte das crianças que estavam hospitalizadas e que participaram das mini-oficinas são moradoras de ilhas ao redor da capital (Belém) ou são de cidades do interior do Estado. São crianças socialmente desfavorecidas e que em sua realidade talvez jamais pudessem ter a oportunidade de ir ao teatro, mas com a iniciativa do Projeto de Extensão Teatro Com-Vida, através das mini-oficinas elas poderiam conhecê-lo e fazer parte dele, na dramaturgia, na narração, na criação e na manipulação dos objetos.

4.1 A Materialização das Ideias: Construindo Mini-Oficinas

As palavras não são palpáveis, elas são um som orquestrado para a comunicação inteligível entre as pessoas. Conhecer uma pessoa, conversar com ela, trocar afeto/informação e construir algo material dessa conversa, isso é a mini oficina (O ateliê).

4.1. 1. O ateliê

O diário de relatos é um caderno confeccionado artesanalmente reaproveitando folhas de cadernos velhos para registrar de forma escrita as oficinas e as histórias dos pacientes, ele foi elaborado pelo professor Aníbal Pacha e construído pelo mesmo com a colaboração dos alunos do grupo de extensão Teatro Com-Vida.



Fotografia 5 - O meu ateliê.

Fonte: Própria (2014)

O diário de relatos ou simplesmente o caderno, como o chamamos, a caixa dourada que é a guardiã do tesouro, e a bandeja – o suporte das caixas - são a tríade material para a execução da oficina.



Fotografia 6 - Confeção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro e Dança da UFPA.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 7 - Confeção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.

Fonte: Aníbal Pacha (2014)



Fotografia 8 - Confeção das bandejas no ateliê da Escola de Teatro de Dança da UFPA.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 9 – Primeiro dia de utilização das bandejas no Hospital Universitário João de Barros Barreto.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 10 - Bandeja sendo utilizada no processo das mini-oficinas.

Fonte: Própria (2014)

4.2 Experimentação do processo entre os integrantes do grupo Teatro Com-Vida (TCV) e em outros locais

Depois de havermos experimentado a mini-oficina na sala de ensaio da Escola de Teatro entre os participantes sob a supervisão e o direcionamento dos professores Aníbal Pacha e Patrícia Pinheiro, chegou o momento em que daríamos um passo muito importante, executar a mini-oficina com pessoas desconhecidas na Praça Brasil que fica a um quarteirão da ETDUFPA. Mesmo não sendo a minha primeira vez com um público, aquele momento foi de medo e dúvidas de como se desenvolveria a mini-oficina, de como abordaríamos as pessoas e como seria estabelecido um diálogo entre manipulador/ator e público.

Eu não fui a única a sentir insegurança, enquanto o grupo caminhava em direção a praça paramos em um sinal de trânsito e esperamos alguns minutos até que nos sentíssemos seguros para atravessar e abordar as pessoas.

Mal cheguei a praça e fui surpreendida com um homem de aproximadamente 60 anos que trabalha como relojoeiro na esquina da praça, ele queria saber o que tínhamos dentro das caixas e o que estávamos fazendo. A curiosidade daquele senhor pegou todos de surpresa, estávamos tão focados em abordar as pessoas que esquecemos que não estávamos invisíveis, logo o problema do primeiro contato com um estranho fora resolvido, foi um quebra gelo, ele perguntou o que estávamos vendendo, olhei para os meus colegas e decidi me aproximar dele afim de sanar a sua curiosidade e a lhe oferecer a oficina, quando expliquei me apresentei como aluna da ETDUFPA ele logo falou que sua filha também estava na época na escola e que naquele momento ele estava trabalhando, ele não podia parar. Agradei e segui em direção aos transeuntes, o restante do grupo fez o mesmo e cada um foi para um ponto da praça em busca de pessoas que se dispusessem a participar da mini-oficina.

Alguns colegas já estavam conversando com pessoas que estavam sentadas nos bancos da praça, olhei e vi em um banco um pouco mais ao longe um senhor e uma jovem sentados um em cada ponta do banco, aproximei-me e perguntei se eu poderia sentar também, assim que consentiram eu sentei, esperei alguns segundos após uma longa respiração para controlar o meu nervosismo e acalmar os meus batimentos cardíacos, enquanto isso a jovem colocou os fones no ouvido e o idoso continuou inerte, então finalmente tomei coragem e me apresentei como estudante, a moça chamada Wanessa tirou os fones dos ouvidos e olhou para a caixa em meu colo, expliquei o que era o objeto - uma pipa feita de papel cartão de várias cores. Comecei a contar sobre a minha relação com as pipas enquanto mostrava para eles um modelo semi pronto, a Wanessa logo se entusiasmou ao ver o objeto e o seu Pedro Paulo mesmo sem apresentar tanta empolgação também decidiu participar.

Eu pedi para que eles escolhessem a cor do papel que usariam e começamos a confeccionar as pipas. Mas o desafio ainda não estava completo, faltava colher histórias, então enquanto faziam as pipas entre uma etapa e outra do processo

continuei a contar a minha história de amor com as pipas que veio da infância com o meu tio materno e espontaneamente ambos contaram muitas lembranças de suas infâncias, com os amigos da escola, as brincadeiras na rua com amigos, o afeto da família e as traquinagens de crianças.

Conversamos demoradamente mesmo depois da pipa já estar pronta. Fiquei demasiadamente feliz por ter conseguido estabelecer um nível de troca entre nós. Percebi então que todo o grupo já havia terminado e que me observavam de longe, encerrei a conversa agradecendo a eles e deixando de presente a pipa que eles confeccionaram como uma recordação daquele momento.

O sr. Pedro Paulo estava esperando a hora da visita no hospital que fica ali perto para ir ver a sua esposa que estava hospitalizada, ele também falou dos seus filhos que já estão adultos e dos muitos netos que ele tem.

A Wanessa não contou o que estava fazendo ali, mas também contou sobre a sua infância, e agradeceu pelo presente. Ela ficou radiante! E eu mais ainda!

Eu mal podia esperar para contar aos meus colegas o que havia acontecido. Sim, eu estava muito feliz e com o coração novamente saltitante, mas agora de alegria e não de ansiedade, me questionava qual é o valor das coisas? O que faz algo ter valor? Não o preço, o valor! Uma pipa de papel que jamais voaria, mas que nos transportou para um lugar paralelo dentro das lembranças e experiências trocadas entre nós três.

Percebi que eu teria que avançar o sinal verde e construir uma ponte em direção ao outro. E a pipa era o meu transporte.

CAPÍTULO 5

A ABORDAGEM AO PACIENTE DE MANEIRA INDIVIDUAL

Apesar da minha experiência na praça ter sido bem-sucedida, eu sabia que no hospital o desafio seria ainda maior por se tratar de pessoas com algum tipo de dificuldade física para se locomover e até mesmo falar.

Quando estivemos no hospital para apresentar os espetáculos estávamos todos juntos, e isso, de certa forma, nos encorajava e também nos mantinha a uma linha cômoda de distanciamento entre aluno/ator e paciente/espectador, mas desta vez, com as mini-oficinas seria uma abordagem diferente, pois cada um de nós teria que interagir de forma individual, profissional e mais humana possível.

Muito se cogitou durante o processo de construção das oficinas como seria esta abordagem. Diferente do que foi no início do projeto no ano de 2011, não existiria uma peça de teatro introdutória e sim contação de história a partir do objeto escolhido para construir a oficina.

Um abismo quase intransponível estava diante de mim, e mais uma vez, eu precisaria construir uma ponte e atravessá-la. Muitas vezes eu questionei o porquê de usar o ateliê como método de coleta, eu tinha medo, muito medo da reação das pessoas.

O meu medo real era de piorar, de alguma forma, o estado emocional daquelas pessoas tão sofridas em seus leitos, eu tive medo de fracassar em não conseguir concluir a construção do objeto e de não coletar histórias contadas pelos pacientes. Com o tempo percebi que construir o objeto e coletar histórias era o objetivo principal, mas que existia ali uma possibilidade muito maior, a de servir, abrir mão do eu para servir de alguma forma ao outro.

Eu estava com medo de sentir amor e sofrer com a dor das pessoas, talvez por isso que os profissionais da medicina insistam no distanciamento. Mas a nossa missão era essa mesma, estar ali e sentir compaixão, amar o outro e demonstrar isso com um olhar de ternura, com ouvidos atentos e intuição aguçada, através de um sorriso, de um gesto de atenção e carinho, e assim, todo o resto aconteceria, mesmo que não fosse da forma esperada.

Ao chegarmos na ala do hospital onde seria feito o trabalho, fazíamos um reconhecimento do espaço e da porta de cada enfermaria um de nós pedia licença para entrar e explicava rapidamente que somos um grupo de estudantes, pedindo permissão para fazer uma atividade com eles. Uma vez consentido o pedido

entravamos e cada um seguia para um leito com um paciente. A abordagem individual do paciente também contribuía para uma aproximação, aí não tinha máscara, título ou quais quer outros artifícios para nos distanciarmos daquelas pessoas, teríamos que nos desnudar de tudo para que pudesse estabelecer um vínculo verdadeiro de confiança entre seres humanos trocando atenção e afeto.

Adams recomenda que a equipe e os profissionais da saúde busquem criar e aprofundar uma amizade com os seus pacientes. *“A amizade é um grande remédio. Ela supera muitas das inadequadas práticas da profissão de cura.” Adams, p. 68.* Este conselho deve se estender para todas as profissões e todos os âmbitos da sociedade.

“A transferência é inevitável. Todo ser humano exerce uma espécie de impacto sobre o outro.... Alguns estudos mostram que a simples presença do médico pode ser um fato positivo na saúde do paciente. Quanto mais profunda a amizade, mais profundo é o efeito.” (ADAMS, 2002. p. 68)

Ele diz ainda que a solidão é devastadora, muitos pacientes se sentem solitários, a grande maioria emergido em vulnerabilidade emocional, clamam por amor de outra pessoa e sentem-se incompletos sem isso. Sentir este amor é fundamental. *“Os pacientes – na realidade todas as pessoas – precisam saber que o amor não é um ato de controle, mas de dar e receber livremente.”*

Eu acredito que esta ligação de amor deva acontecer realmente, devemos querer e estar dispostos a acolher e a amar aos outros. Quer seja no hospital ou na fila de um banco, em uma floricultura ou no supermercado.

Algumas vezes o convite para receber a mini-oficina foi recusado, e neste caso, a melhor forma de demonstrar amor é respeitando esta recusa com simplicidade e empatia, isso também é amar. O amor denota respeito, carinho e compreensão. Entender também a recusa em participar da mini-oficina é amar o outro, respeitando o espaço, o tempo e o momento do outro.

5.1 Coletando e registrando histórias dos pacientes o HJBB

Na primeira ida ao hospital com as caixas em novo formato e com o suporte das bandejas, fomos a ala das Doenças Infecto-parasitárias (DIP). Inicialmente este seria o lócus da pesquisa.

Questionei aos coordenadores do projeto se não seria necessário usarmos luvas, mas eles disseram que não, porque não tocaríamos nos pacientes. Fiquei me questionando que em alguns momentos nós poderíamos precisar ajudar os pacientes a confeccionar o objeto da oficina por conta da fragilidade física de alguns, e mesmo que isso não acontecesse, os meus materiais deveriam ser esterilizados antes de passar de um paciente para o outro. Como isso aconteceria e em que momento? Isso me paralisou, afinal, estávamos em um lugar que demanda muito cuidado com a higiene e com alto risco de contágio de doenças. Esta questão foi disparadora para que eu pensasse uma maneira para que o paciente não necessitasse utilizar as tesourinhas de cortar papel e as fitas para confeccionar a pipa, que era o meu objeto da oficina. A solução foi levar o passo a passo da construção da pipa preparado, cordado e separado como se fosse um kit individual para cada paciente, assim não haveria risco de contágio entre os pacientes. E sempre quando chegávamos ou saíamos do setor do DIP higienizávamos as mãos na sala dos enfermeiros. Esta situação me fez pensar como em um ambiente escolar eu poderia encontrar maneiras diversas de incluir de forma geral todos os meus alunos nas atividades das aulas de teatro. Buscar maneiras diversas, improvisar dentro do conhecimento e das necessidades apresentadas, eu encontraria soluções para tornar democrático o fazer artístico e educacional. Este primeiro impacto que parecia ser uma dificuldade ampliou o meu modo de olhar e de fazer o teatro em alternativos e também em sala de aula.

Ao chegarmos no DIP fazíamos um reconhecimento geral das enfermarias e a coordenadora Patrícia Pinheiro escolhia a enfermaria por onde começaríamos o trabalho. Esta escolha era baseada no que estava acontecendo no setor no momento, se os corredores estavam sendo limpos, se alguém estava sendo medicado no leito ou atendido pelos médicos.

Olhando as enfermarias de maneira geral, percebi que algumas pessoas não conseguiriam participar ativamente da oficina por causa da fragilidade física em que se encontravam, este seria mais um desafio a ser superado. Na primeira enfermaria em que entramos, cada um dos alunos escolheu um paciente, e como eu fui a última a entrar, percebi que todos já estavam com alguém, excerto uma adolescente de 14 anos que estava no último leito da enfermaria. Eu me aproximei dela e percebi olhos curiosos querendo saber do que se tratava. Ela queria participar e logo perguntou o que era; fiquei em pé ao lado do leito dela e uma acompanhante de outra paciente trouxe uma cadeira para eu sentar.

A jovem era tranquila e simpática, fez o passo a passo da oficina atentando para cada detalhe do procedimento de confecção da pipa de papel. Senti dificuldade em iniciar uma conversa durante a explicação da oficina. A minha concentração era roubada pela fala dos meus colegas que também ministravam suas oficinas na mesma enfermaria que eu, eis então, mais um desafio a ser superado.

Durante a preparação dos alunos/atores na escola de teatro muitos problemas foram abordados em relação ao espaço e aos pacientes, mas na prática surgiram detalhes que nem sequer pensamos, no entanto fundamentais para o aprimoramento do fazer desta modalidade.

Quando a pipa já estava quase pronta tentei várias vezes engrenar em um diálogo mais incisivo fazendo perguntas, mas as respostas eram curtas e a paciente estava muito concentrada na construção do objeto. Tivemos que fazer com calma, no tempo dela, o seu corpo tremia e ela quase não tinha força física. Percebi que contar a minha história com as pipas a faziam sorrir, então continuei contando e rindo junto. Ela contou que não gostava de brincar com pipas quando era criança, ela preferia as “brincadeiras de meninas”, mas que o seu tio que morreu amava soltar pipas. Encerrei a oficina elogiando o seu desempenho e a sua pipa, ela pediu para que eu a amarrasse em seu leito.

Quando saí o professor Aníbal me conduziu até um corredor que dava acesso as outras enfermarias onde eu deveria registrar no diário o que havia acontecido na oficina. Esse processo de registrar deveria ser o mais rápido possível para que eu pudesse seguir para outros leitos. Só fiquei desconfortável quando percebi que o

corredor onde eu estava dava para ser observado pela paciente com quem eu acabei de estar. Fiquei um pouco constrangida, mesmo assim escrevi o meu relato e segui para a próxima enfermaria. Posteriormente alguns dos meus colegas também relataram este mesmo desconforto e nas idas seguintes buscamos locais mais afastados dos leitos (ver fotografias 11 e 12).



Fotografia 11 - Registrando a oficina no caderno.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 12 - Registrando as oficinas no caderno em um corredor paralelo à pediatria.

Fonte: Própria (2014)

Aproximei-me de outro leito e uma jovem que já me observava fazer a oficina no leito anterior perguntou o que era que nós tanto escrevíamos. Eu não estava preparada lhe responder, pensei que se ela soubesse exatamente o que estávamos fazendo talvez se recusasse a fazer, como eu explicaria que a escrita no diário era um registro dos relatos tão pessoais de cada indivíduo com quem estivemos poucos minutos antes. Optei pelo simples, expliquei que somos alunos da universidade e que estávamos registrando o desenvolvimento das oficinas com os pacientes. Ela ficou satisfeita com a resposta e antes que eu tirasse o material da caixa ela me contou que estava ali porque levou quatro tiros do ex-namorado ciumento, *“eu traí ele, ele se vingou matando o meu namorado e também tentou me matar”*. Ela contou que tem uma filha de 2 anos, mas que não pode vê-la porque o juiz determinou o afastamento e que ela sente saudade da filha. A jovem de apenas 17 anos teve seus

joelhos e pés lesionados pelos disparos e uma das balas estava alojada em um de seus pulmões.

Começamos a fazer a oficina de modo muito intuitivo, sem o passo a passo. Ela queria conversar, e os seus relatos eram sobre a infância em que brincava com bonecas (ela também não gostava de soltar pipas) e a sua vida atual – quase adulta - em que os seus irmãos e a sua mãe haviam cortado relações com ela, mas que o pai de vez em quando a visitava.

Terminamos a pipa, e continuamos a conversar. Eu disse que também tive uma filha quando era adolescente e que foi muito difícil para eu conseguir concluir os estudos. Ela se identificou com a história e eu mais ainda com a história dela. Fiquei pensando o quanto o nosso país é desigual e quantas histórias iguais a esta se repetem por falta de orientação e oportunidades. Fiquei emocionada e senti vontade de abraça-la.

Durante a nossa conversa uma senhora que estava na mesma enfermaria precisou ir ao banheiro e me chamou para ajudá-la a segurar o soro enquanto ela se levantava e quando ela retornou do banho pediu para que eu colocasse o soro de volta no lugar. Foi bom, eu gostei de ter feito aquilo! Tudo tão natural e real.

Recebemos a orientação de não escrevermos os nomes dos pacientes no caderno de relatos, mas eu não esqueci o nome daquela jovem.

Ela perguntou quem era o rapaz que estava nos observando, eu estava tão envolvida com a nossa conversa que nem havia percebido o novo membro do nosso grupo olhando na porta, eu o chamei e ele se apresentou.

A paciente era bastante popular entre a equipe de enfermagem e parecia muito íntima de alguns pacientes da enfermaria. Ela disse que estava viciada no *facebook*, que não conseguia ficar nenhum dia sem acessar a sua conta na rede social. Percebi que ela estava completamente perdida em relação a vida, mesmo com tantos amigos virtuais estava se sentindo solitária e carente.

Conversamos durante quase uma hora quando percebi que os meus colegas já tinham ido em quase todas as enfermarias, nem nos demos conta de quanto tempo tinha passado. Eu me despedia quando ela disse que adorou ter feito a

oficina. Muito curiosa e detalhista ela construiu uma linda pipa colorida e cheia de laços que pediu para que eu colocasse amarrada ao seu leito.

Submergida em uma sociedade que a marginaliza, esta jovem que não tinha sonhos, ambições ou expectativas para a vida, vivia apenas mais um dia.

Já estava chegando a hora do almoço e encerramos o dia de oficinas. Conversando com o grupo na saída do hospital, apesar de eu ter visitado apenas dois leitos, a Patrícia orientou a não ter pressa em falar com os pacientes, disse que cada um teria a necessidade de um tempo diferente. Neste momento entendi que a oficina apesar de ter como objetivo coletar histórias dos pacientes, nos proporcionava uma aproximação pessoal e inevitável a eles.

Durante os encontros do projeto na escola de teatro conversamos mais sobre a ida das oficinas ao DIP, pontuamos as dificuldades, descobertas e expectativas para a próxima ida. Nos reuníamos duas a três vezes por semana para na sexta feira levarmos novamente as oficinas. Na sexta-feira seguinte fomos com as oficinas na ala pediátrica do hospital, depois de fazermos o reconhecimento das enfermarias e decido por onde começaríamos, perguntamos se poderíamos fazer a oficina e entramos em uma enfermaria. O desafio agora seria fazer o mesmo processo com as crianças e logo que me aproximei do leito de uma menina e me apresentei, a menina sorriu e seus olhos brilharam quando tirei a minha pipa de dentro da caixa. A pequena menina da Colônia do Garrafão do Norte - interior do Pará - tinha nove anos de idade, estava fisicamente limitada, andava pouco, mas falava muito, com espontaneidade e doçura, ela adorava brincar de bonecas, de panelinhas, de cabra cega, de corrida e brincar de se esconder com os amigos. Ela contou que certa vez estava à beira do rio com a mãe, com os primos e com amigos, a mãe disse para a filha ficar na parte rasa da água, mas os amigos a incentivaram a tentar nadar o que resultou em afogamento, felizmente a mãe a resgatou, apesar de tudo ter terminado bem, a travessura lhe rendeu os dois ouvidos cheios de água e um medo persistente de aprender a nadar.

Enquanto eu a ajudava construir a pipa dela ela disse que adorava brincar e que a coisa mais legal que ela viveu foi ter conhecido o papai Noel no natal de 2012, todas as crianças internadas que estavam em condições razoáveis para sair foram

para um almoço especial promovido pelo HJBB para comemorar o natal, nesta ocasião ela ganhou uma boneca e disse que cuidava bem dela.

Ela brincou com a pipa quando ficou pronta e a tia dela que era a sua acompanhante também fez uma pipa.

Enquanto a menina me contava sobre o episódio do afogamento uma enfermeira que estava na enfermaria interrompeu a narrativa dela para perguntar com um ar de brincadeira e riso: “*com toda essa barriga, tu não buiô?*”, referindo-se ao abdômen proeminente expandido da criança por conta de uma enfermidade. Não houve resposta para a pergunta da enfermeira e nem risos além do dela, ninguém achou engraçado, aliás, foi de péssimo gosto ter feito um comentário tão desnecessário. A menina era de menor estatura do que a média para a sua idade, aparentava ter 5 ou 6 anos e estava a muito tempo internada, longe de sua casa, de sua família e amigos, não levava uma vida igual a das outras meninas e certamente compreendia o seu próprio estado, um comentário depreciativo poderia se tornar algo marcante na sua infância.

Eu me despedi e fui para outro leito na mesma enfermaria. Era um menino sorridente de 3 anos de idade, quem o acompanhava era o seu pai que me contou que eles dois adoram brincar de soltar pipas e que todos os dias quando ele chega do trabalho joga futebol com o filho se não tiver vento para soltar pipa. Eles só não podem soltar pipa na rua porque a mãe do menino não deixa ele tomar sol, chuva ou sereno, mas se o pai insiste em velá-lo a mãe briga com eles. Dava para ver a relação entrosada entre pai e filho, o olhar de cumplicidade e o riso fácil de ambos.

Eles contaram que também jogam peteca, mas que amam mesmo é soltar pipa e que a outra paixão dos dois é o futebol, o pai disse que o menino vai torcer para o Payssandu e para o São Paulo que nem ele.

O pai ajudou o filho a fazer a pipa e quando terminou o menino admirado chamou o pai e disse: “*Olha pai, olha pai! Tá voando, a pipa tá voando!*”, e o pai também sorrindo respondeu: “*É, está voando!*”.

A pipa da mini-oficina não foi feita para voar de verdade, ela é pequena, feita com papel cartão, é pesada e colada com fita, tem fio de barbante e laços de papel, mas na imaginação daquele menino, certamente, a pipa alcançou as nuvens do céu.

O pequeno paciente manipulou o objeto de forma que ganhou vida, este foi um aspecto que até então ainda não havia sido observado por mim. Após a finalização da oficina o jogo teatral com o objeto continuava com o paciente e por vezes com os acompanhantes, como neste caso entre pai e filho. Boal expressa em seu livro *O Arco Iris do Desejo* que: *“A profissão teatral, que pertence a poucos, não deve jamais esconder a existência e permanência da vocação teatral, que pertence a todos. O teatro é uma atividade vocacional de todos os seres humanos.”* (Boal, 1996, p.28).

Que privilégio conhecer os dois, pai e filho, testemunhar o companheirismo deles e o amor que cerca esta relação e reviver dentro do hospital um momento tão especial entre eles que é o de soltar pipas juntos.

Já era quase meio dia e eu fui para outra enfermaria, conheci um menino que era de Piraba, estudioso, 11 anos de idade, tranquilo, me contou que adora jogar bola e soltar pipas, ou melhor, empinar pipas como ele disse. Ele contou que uma vez correu para pegar uma pipa e cortou a região abaixo do seu peito esquerdo em arame farpado, mas ele disse que não tinha sido nada, porque em outras situações cortou as mãos e os pés correndo atrás de pipa. Ele enfatizou: *“Pipa, só quando for época, nas férias, porque assim não tem graça empinar sozinho.”*, então ele joga futebol até chegar o período de férias escolar.

Apesar de sua mãe morar em Belém ele mora com a avó em Piraba, ele teve que chegar na capital às pressas para operar o apêndice, mas já estava com data marcada para sair do hospital depois dos festejos do Círio de Nazaré daquele ano.

Ele disse que a coisa que mais ama é estar em Belém na casa da mãe, passear com ela no shopping, ir ao parque, a praça, ao cinema, mas que vai ficar um bom tempo sem poder fazer essas coisas até se recuperar da cirurgia.

Enquanto conversávamos, uma menina de outra enfermaria que estava nos observando a algum tempo e que já havia participado da oficina com a TAMILIS, se

aproximou e disse que não sabe empinar pipas, mas que acha lindo, então eu dei para ela a minha pipa que sempre trago quase pronta, terminamos de fazer as pipas ela ficou muito contente. Logo depois me despedi do menino e desejei que ele se recuperasse logo.

Uma semana depois, na sexta-feira seguinte, chegamos à pediatria e qual foi a minha surpresa e felicidade quando o mesmo menino da semana anterior que havia operado o apêndice veio me abraçar. Ele me reconheceu assim que cheguei na porta da enfermaria e eu também o reconheci, e mesmo tímido, falando baixinho, ele disse: *“tia, eu estou indo embora, tive alta hoje, vou passar o cívico na casa da minha mãe.”*

Ele estava terminando de arrumar a sua mala para ir embora e a pipa que fizemos juntos estava intacta, ele a guardou com carinho e a colocou cuidadosamente em cima de todas as roupas e fechou a mala.

Esta era uma experiência única, começar a mini-oficina e reencontrar um paciente com quem tive contato uma semana antes, e mais do que isso, saber que ele guardou a pipa com zelo como lembrança do nosso encontro, e que a levaria para casa. A nossa expectativa em relação ao momento da oficina em termos de sentimentos, é de proporcionar um estado de alegria e esperança aos pacientes por alguns instantes, mas neste caso, acredito que algo ficou marcado por dias, e quem sabe por alguns anos como uma lembrança da infância desse menino. Gosto de pensar que na temporada de férias escolares, quando ele estiver empinando pipas com os seus amigos ele vai lembrar da pipa que fizemos juntos no hospital.

Segui para o leito de um menino de 5 anos de idade, muito falante e extrovertido, mas que não sabia o próprio nome. Ele me contou que estava brincando no quintal quando foi mordido por uma cobra. Abri a caixa dourada e retirei uma pipa amarela de estampa de palhacinhos, eu a retirei da caixa como se ela estivesse voando contra o vento no céu, e a expressão que eu ouvi do menino foi: “Uau!”. Eu quase não acreditei, foi incrível perceber a reação dele e também descobrir uma maneira diferente de usar a mini-oficina, manipulando o meu objeto, dando vida a ele.

Eu falei a ele: *“estou vendo que você gosta de pipas”* e ele respondeu: *“Sim! E se a Fafá estivesse aqui ela ia logo querer levar essa pra casa”*. A irmã dele mais velha é a Fafá e foi ela que o ensinou a soltar pipas. O menino me contou que na casa da tia ele empina pipa o tempo todo e que até a tia empina pipa com ele, e que toda a família, irmãos, mãe, tios e tias adoram empinar pipas.

A acompanhante do menino era a sua avó, e ela para enfatizar a veracidade do que o menino estava contando, falou que a sua filha mais velha quase teve um dos dedos da mão decepado porque segurava uma linha encerada que um garoto puxou, e que na família deles não tem isso de pipa ser brincadeira só menino e que a sua netinha mais velha adora brincar de peteca e pipas.

O menino contou que ficou com um dos joelhos roxo porque caiu enquanto corria atrás de uma pipa. Uma vez ele viajou de barco para uma praia e queria fazer pipas quando chegasse lá, mas acabou perdendo a sua tesoura favorita que era a melhor para fazer pipas.

Entre um leito e outro era necessário fazer uma pausa para registrar o processo da oficina, algumas informações se perdiam, mas eu sempre tentava escrever de modo fidedigno os diálogos e histórias contadas pelos pacientes. Sentei um lugar no corredor que parecia um banco, e um menino que fez a oficina comigo na semana anterior apareceu bem na minha frente segurando em uma mão uma bexiga e em outra a pipa que nós fizemos juntos, eu sorri ele sorria e me encarava mesmo eu tentando me concentrar para escrever, ele se aproximou ainda mais e continuou me olhando, eu estava sentada bem no meio do banco, afastei-me para a esquerda e ele sentou ao meu lado e ficou ali ao meu lado bem quietinho sem dizer nenhuma palavra, só sorrindo o tempo todo. A pipa dele estava toda desmanchada, parecia que tinha feito muitos voos. Senti um outro nível de troca que se estabelecia pelo olhar, pela proximidade, no mais profundo silêncio.

Ainda me restava algum tempo, eu poderia encerrar as atividades, mas decidi ir em uma enfermaria onde ninguém tinha ido ainda, lá haviam bebês e crianças pequenas de até 7 anos, cumprimentei a todos, mas fiquei relutante em fazer a oficina, a acompanhante de uma menina me incentivou a ir até ela. A acompanhante era a madrastra da criança que estava calada e chateada, fizemos uma linda pipa

apesar da menina não querer falar ela ficou muito atenta para aprender o passo a passo da construção. Segundo a madrastra, a menina gosta muito de brincar, mas ela estava triste porque queria voltar para a sua casa no Acará, e porque no hospital não dá para brincar. Perguntei a ela qual a profissão que ela queria ser quando fosse grande, ela disse que não sabia, então perguntei qual a matéria na escola ela gostava mais, ela pensou por alguns segundos e disse que não lembrava o nome da matéria, fui falando o nome de cada disciplina, língua portuguesa, matemática, ciências, e ela só respondia “não”; aí perguntei se ela gostava de esportes: futebol, vôlei, e nada, aí falei: “Ah, mas de filme você gosta? Desenho, novela, Chiquititas?” e finalmente ela começou a sorrir e disse: “De Chiquititas eu gosto.”, e a madrastra também sorriu. Continuei: “Você já pensou em ser atriz?”, ela sorriu novamente e ficou mais descontraída. Contei a ela que eu estudo teatro e ela arregalou os olhos. Ela disse que não queria mais ficar no hospital e a madrastra dela disse que seria por pouco tempo.

Eu a incentivei a estudar muito, mesmo sem gostar tanto assim das matérias para que ela pudesse ser uma grande atriz de novelas. Ficamos amigas, ela me deu um abraço, nos despedimos e eu fui embora.

Eu queria ficar mais tempo conversar com outras crianças, ouvi-las e faze-las sorrir, mas já era quase meio dia novamente e eu ainda teria que escrever os relatos. Sentei no corredor para escrever e vi uma paciente que estava em uma das enfermarias em que fomos, ela tinha um suporte de soro e embaixo do braço esquerdo uma espécie de balão laranja, eu sorri, ela sorriu de volta e de repente percebi que o todo o medo tinha ido embora, eu me sentia ligada aquele lugar, como se eu e as mini-oficinas fizéssemos parte de tudo aquilo, foi estranho e maravilhoso ao mesmo tempo.

5. 2.1 observando as mini-oficinas de Kayo e TAMILIS



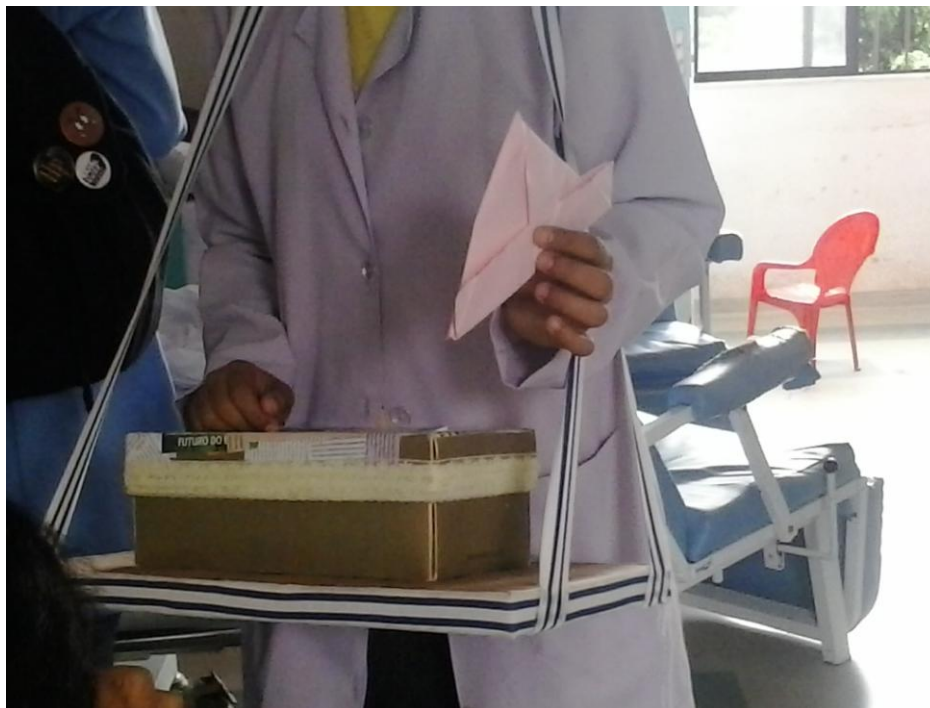
Fotografia 13 - Oficina na pediatria.

Fonte: Própria (2014)

Em uma das idas ao hospital com o ateliê eu pude observar os meus colegas fazendo a oficina com os pacientes e com os acompanhantes. Tanto o Kayo Konká quanto a TAMILIS Abreu faziam o seu objeto com papel, este foi um ponto interessante a observar, e ambos utilizaram dobraduras para dar forma a folha de papel e em todos os casos, especialmente com a TAMILIS que intencionava e enfatizava as formas do papel instigando a imaginação do paciente/participante e do acompanhante.

O objeto do Kayo depois que estava pronto era uma borboleta de dobraduras usando a técnica do origami e o objeto da TAMILIS era um marcador de página de livros, também feito com dobraduras. Destaco que a cada nova dobradura se formava uma imagem e suscitava uma história a partir daquela imagem que poderia ser um chapéu, um barco, uma cobra e finalmente um marcador de páginas de livros. A abordagem dela sempre iniciava com perguntas relativas a livros e o

restante da conversa era conduzido de acordo com as respostas ou histórias que o paciente/espectador contasse.



Fotografia 14 - Tamlis fazendo a oficina. Destaque para a folha cor de rosa em formato de chapéu.

Fonte: Própria (2014)

O hospital é um local que funciona como uma engrenagem em constante movimento, sempre há alguém se movimentando para que tudo continue funcionando com ordem e presteza, garantindo o zelo pela saúde e bem estar do paciente (ver fotografia 15). E procedimentos rotineiros ou imprevistos devem sempre ser contornados ou adequados à oficina.



Fotografia 15 - Limpeza dos corredores da pediatria.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 16 - Tâmilis conversando com as crianças internadas da pediatria.

Fonte: Própria (2014)



Fotografia 17 – Kayo finalizando o seu objeto na pediatria com um paciente.

5.3 Sensações

O que fazemos no hospital com as caixas está além do que se pode explicar. Permitir viver e sentir cada pessoa, cada fala, cada gesto, me faz querer estar sempre e para sempre ali, levando histórias, sonhos, memórias e esperança a quem precisa se reconectar ao mundo além dos muros do hospital, a quem precisa de amor, atenção, alegria e empatia.

A prática do ateliê continua sendo uma descoberta gradativa a cada ida ao hospital. A oficina não é uma coisa só, não pode ser enquadrada em apenas uma classificação. Ela se transforma a cada paciente. Cada imagem criada é a possibilidade de ser uma imagem disparadora de uma memória.

Na pediatria não só coletei histórias como vi objetos inanimados ganharem vida e outras histórias surgirem através deles nas mãos das crianças hospitalizadas e por vezes, também, nas mãos de seus acompanhantes. Além do vínculo imediato que as crianças constroem com o objeto, a continuidade intuitiva do jogo teatral pelas crianças me arrebatou completamente.

É de dentro da caixa dourada que surge histórias e encantamentos, e é também para lá que elas voltam e onde ficam guardadas as histórias dos pacientes,

mesmo daqueles que nada falaram. Tudo fica registrado e guardado na caixa dourada até que essas histórias se transformem e ganhem vida novamente e voltem para o hospital para animar e emocionar pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde – e também a nós, estudantes/atores. -, mas esta é outra etapa da história do Teatro Com-Vida.

CAPÍTULO 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazemos teatro de formas animadas através dos ateliês para coletarmos histórias que se transformem em teatro de ator – ou de formas animadas. E nas entrelinhas desse processo lidamos com um universo complexo de pessoas que lutam pela sobrevivência. De forma alguma isso seria ignorado, porque a razão de ser ou de se fazer qualquer coisa, é o ser humano. Talvez por isso as oficinas não tenham avançado tanto para a última etapa, pois foi necessário um estudo mais profundo e uma atenção minuciosa ao que estávamos alcançando com os ateliês. Tínhamos um objetivo secundário, nem tão explícito, porém, latente, o de modificar o estado do paciente que receberia a oficina. O campo dos sentimentos e emoções é uma dimensão tremenda delicada, profunda e importante para a vida. Apesar de não fazermos teatro terapia é impossível não cuidar da dor de quem divide conosco momentos tão especiais que ficarão na história da vida dos pacientes com quem estivemos e, também na nossa.

Levar as mini oficinas para dentro do hospital, é aproximar a relação do teatro com a criança através da construção do objeto e estimulante para ter uma descoberta do mundo, para criar, imaginar e trazer a fantasia que o jogo teatral precisa. A oficina traz a possibilidade de viver emoções no momento em que faz o objeto, pode trazer emoções e entendimento importante sobre uma amplitude do que momento em que está vivendo.

A caixa dourada, o ateliê de oficinas, é a representatividade simbólica de um teatro formal, engessado e hierárquico do “palco italiano”, que se transforma e que é construído conjuntamente entre ator e espectador. A caixa dourada é o teatro que

chega a todos, acessível e sensível ao espectador e aos seus sentimentos, quer esteja em uma praça, em um ônibus ou no hospital.

A caixa dourada é o portal para o mergulho no universo real, pois o universo reverso, paralelo, é aquele desumano e frio, onde as pessoas não se importam com o seu semelhante, onde é mais fácil e seguro ignorar os sentimentos aflitos daqueles que pedem por ajuda do que abraça-los, erguer as mangas e ajuda-los.

O ateliê de oficinas é uma integração sociocultural que resgata valores humanos e exemplifica o que deveria ser as relações interpessoais dentro e fora do ambiente hospitalar.

A formação de um educador vai além da grade curricular de disciplinas, ela está ligada a olhar o outro com ternura e empatia. Criando pontes, saídas através da arte para as questões sociais, quer sejam na educação formal ou em ambientes não formais.

A “devolução” das histórias dos pacientes em formato de espetáculo ficou como possibilidade para outro momento de vivência do projeto.

Em suma, o que aprendi em todos esses anos na universidade e também no projeto de extensão Teatro Com-Vida, foi o ato de ouvir o outro com calma e empatia, ouvir e ler as entrelinhas de um olhar, de um gesto, de um riso tímido ou de uma lágrima. Aprendi a entender e descobrir a comunicação que existe para além da palavra pronunciada e que aceitar o não de um paciente é um ato de respeito ao momento e espaço do outro, no caso dos pacientes/espectadores.

Encerro esta etapa da pesquisa com a certeza de que o Projeto TCV proporcionou uma importante ligação entre arte e saúde, sendo uma tão importante quanto a outra e plenamente necessárias para o ser humano.

Todos devem sempre se perguntar o que podem fazer para melhorar o ambiente em que vivem com o conhecimento que têm – quer seja conhecimento científico ou empírico - qualquer pessoa deve ser um agente transformador no meio social em que vive. Pegue a sua semente, plante com as ferramentas que você tiver, mas não esqueça de plantar com amor.

Em todos esses anos desde quando tive o meu primeiro contato com as artes e em meio a tantos processos artísticos em que estive envolvida dentro e fora da universidade, me questionei o que é o teatro na minha vida. E o que seria mais senão a minha própria vida entrelaçada a outras vidas?

O teatro é o que é:

Entretenimento, terapia, arte, educação

Teatro é tudo aquilo que nos move:

Saúde, pesquisa, vícios, religião...

O teatro é foco...

É fogo

É rito

É paixão

É respiração...

É emoção, mas também é razão

Teatro é luz, mas também pode ser escuridão

Teatro é... VIDA



Fotografia 18 – Aniversário de uma das integrantes do grupo TCV.

Fonte: Foto automática/Murilo Olegário (2014)



Fotografia 19 – Grupo de Alunos do Teatro Com-Vida 2014: Murilo Olegário, Patrícia Pinheiro (fundadora e coordenadora), Aníbal Pacha (coordenador e encenador), Dayane Machado, Terezinha Cantanhede, Tâmilis Abreu, Kayo Konká, Larissa e Priscila Puentes.

Fonte: Um transeunte do HJBB (2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Patch com MYLANDER, Maurren. **A Terapia do Amor: trazendo saúde com a melhor das terapias: humor e alegria.** Tradução de Antonio Olinto. Rio de Janeiro. Coleção Anjos de Branco, v.6. 304f. 2002.

PINHEIRO, Patrícia Mara de Miranda. **CENAS QUE REVELAM O ENCONTRO COM A VIDA:** a presença de intervenções cênicas no espaço hospitalar como provocadoras de alegria e humanização. Belém: UFPA, dissertação de mestrado, 2013.

AMARAL, Ana Maria: **O ATOR E SEUS DUPLOS: Máscaras, bonecos, objetos.** São Paulo: Editora SENAC, 2002.

_____. **TEATRO DE ANIMAÇÃO.** São Paulo: Editora Ateliê Editorial.

_____. **TEATRO DE FORMAS ANIMADAS.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2011.

FREIRE, Paulo - **A importância do Ato de Ler. Em três artigos que se completam.** 50ª ed. – São Paulo, Cortez, 2009.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia do oprimido** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra.

BOAL, Augusto. **O Arco Iris do Desejo: o método de Boal de Teatro e Terapia** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

FREITAS, Lúcia Helena. **Entrecruzando Olhares e Espaços: O teatro no hospital um estudo sobre intervenções teatrais realizadas em um espaço público hospitalar.** Rio de Janeiro: UNIRIO, tese de doutorado, 2005.

MASETTI, M. **Soluções de Palhaço - transformações na realidade hospitalar.** São Paulo, Palas Athena. 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 224p.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para cultura / Política para o livro. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

RUIZ-MORENO L, Romana MA, Batista SH, Martins MA. **Jornal Vivo: relato de uma experiência de ensino-aprendizagem na área da saúde.** Interface comum saúde educação. 2004/2005.

WALDOW VR. **O cuidado na saúde: as relações entre o eu, o outro e o cosmos.** Petrópolis: Vozes; 2004.

_____. **O clown visitador: comicidade, arte e lazer para crianças hospitalizadas.** Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAVIS, FLORA. **Comunicação não-verbal.** São Paulo. Summus: 1979

YIN. R.K. **Estudos de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.** – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001

Bovo, Ana Maria - **Narrar, ofício trémulo: Conversaciones com Jorge Dubatti / Ana Maria Bovo.** – Argentina: Editorial Atuel, 2002.

PRIETO, H. **Lá vem história outra vez.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

GIANOTTEN, V.; DE WITT. **Pesquisa participante em um contexto de economia camponesa.** In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 252p.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisar-Participar. Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

FACHIN, Odília. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA.** São Paulo: Saraiva, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA /** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos, - 6. ed. – reimpr. – São Paulo: Atlas 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa em ação.** Editora: Cortez. São Paulo. 10ª ed. 2000.

APÊNDICE A – AGENDA DE ATIVIDADES DO TEATRO COM-VIDA EM 2014

2014 Necessito de 102h Quarta 15

Terça, Quinta → 3h de estégio

Sexta → 4h de estégio

Terça e Quinta → 3h de estégio

1 semana = 14h de estégio

21.08.14	TCV PLANEJAMENTO DO SEMESTRE	3h
23.08.14	TI Jogos de Preparação	2h
26.08.14	TCV - Ensaio do notário do HUSAB	3h
28.08.14	TCV -	3h
29.08.14	TCV -	3h
02.09.14	TCV - Ensaio Geral	3h
03.09.14	Apresentação	3h
04.09.14	Ensaio caixas	3h
04.09.14	Ensaio T1	2h
05.09.14	Caixas no Barro	4h
09.09.14	Caixas na ETUFGA	3h
09.09.14	Teatro Injuncto	3h
11.09.14	Caixas na ETUFGA	3h
11.09.14	T. 1	2h
16.09.14	Blockado	3h
18.09.14	Caixas ETUFGA e PAF	3h
19.09.14	T. 1	2h
19.09.14	Caixas no Barro	3h
23.09.14	Blockado	3h
23.09.14	T. 1	2h
23.09.14	Caixas	4h
25.09.14	Caixas ETUFGA	3h

Fazer 3 relatórios: Quinza T. 1 e TCV p/ Andria / 2014

16 Quinza TCV p/ Patrícia

30.09	Blockado	3h
30.09	T. 1	2h
02.10	Blockado	3h
02.10	T. 1	2h
03.10	Blockado	3h
07.10	Blockado	3h
28.10	Blockado	3h
28.10	T. 1	2h
30.10	Blockado	3h
30.10	T. 1	2h
31.10	Blockado hospital	4h
04.11	T. 1	3h
06.11	Blockado	3h
06.11	T. 1	3h
09.11	Blockado hospital	3h
14.11	Caixas	5h
21.11	Blockado hospital	3h
22.11	Caixas hospital	3h
27.11	Blockado	3h
30.11	Ensaio Geral T. 1	3h
11.11	Ensaio Geral T. 1	3h
12.11	Ensaio Geral T. 1	3h
13.11	Espectáculo T. 1 no Barro	6h
14.11	Espectáculo T. 1 no Barro	6h
15.11		3h
16.11		6h

Total de 138h de estégio em campo

APÊNDICE B – FOLHAS DO MEU CADERNO DE RELATOS

18.09.2017

Ao sairmos da escola em direção a praça Brasil, tínhamos muitas e incertezas: o que falar, como abordar, como desenvolver a oficina? Essas perguntas empregavam nossa mente até nos impediam de querer atravessar o sinal.

Mal chegamos em frente a praça e fomos surpreendidos com um homem que aparentava ter aproximadamente uns 60 anos de idade. Ele é relógieiro e trabalha na esquina da praça, não sei a quanto tempo. Estávamos preocupados como seria a abordagem, mas logo fomos surpreendidos com a curiosidade desse senhor, perguntando o que estávamos vendendo. Olhei para os meus colegas e decidi me aproximar, sanar a curiosidade dele e aproveitar para lhe explicar a oficina. Ele estava trabalhando e depois que expliquei do que se tratava, ele não demonstrou nenhum interesse, só falou que sua filha estudava na ETEC/FA, no curso de dança.

Seguimos a rota rumo a praça, ^{abordar o} ~~est~~ ^{est} ~~trabalhador~~ ^{em} ~~as~~ ^{as} ~~parques~~

Ele estava sentado nos bancos. De uma boa olhada na praça e meus colegas que já estavam um pouco a frente, perceberam que ~~est~~ bem a minha frente em um banco estavam sentados um senhor em uma ponta e uma jovem em outra. Olhei para os meus colegas e me dirigi aos dois que estavam sentados e perguntei se eu poderia sentar também ao que eles consentiram, sentei-me e esperei alguns segundos para me apresentar. ~~En~~ enquanto isso, a moça colocou os fones no ouvido e o senhor continuou meolando. Tornei coragem e me apresentei aos dois, ele se chama Pedro Paulo e ela Wanessa. Ele tirou os fones e olhou para a caixa em meu colo. Então decidi apresentar o objeto, expliquei o que era o objeto: Uma pipa simbólica que traz lembranças de minha infância. Contei que ^{nas férias escolares} ~~aprendi a fazer pipas~~ ~~mas~~ ~~meu~~ ~~pai~~ ~~me~~ ~~ensinou~~ a fazer pipas e para isso pipas não saem na mão, pelo vento que para dentro de si, pelo vento e liberdade.

de que ela me passava. Mostrei a pipa que eu tinha quase pronta dentro da caixa e perguntei se eles queriam fazer, a moça entusiasmada de pronto aceitou e o senhor também, mas sem tanto entusiasmo. Levantei-me e pedi para que escolhessem o papel que seria a pipa e esperei que me dissessem algo, como nós diziam, continuam contando sobre a pipa, infância em minha vida e finalmente eles começaram a contar histórias de suas infâncias.

9:47 19.09.14
10:05
~~De~~ De pronto questionei se não seria necessário que usássemos luvas, a resposta foi negativa, porque não tocaríamos nos pacientes, não tocaríamos ou não deveríamos tocar?

Acho que não há troca sem o toque! Afirmo, que que não há troca completa e real sem o toque.

As luvas nos permitem o contato direto de pele, mas proporciona o toque sensorial que é humano que é o essencial, é o que podemos chamar de básico, confiança.

Percebi que algumas pessoas não poderiam ou conseguiriam executar a oficina por causa da debilidade física, uma senhora que não enche o ovo, uma outra que não conseguia nem mesmo se mexer no leito.

Muitas dúvidas! Devemos ir e conhecer, explicar

Ela disse que está ~~triste~~ no facebook, que não consegue ficar nem um dia sem ~~estar~~ acessar a conta.

Quanto a pipa, ele adorou todo o processo. Perfeccionista e detalista ele fez uma linda pipa e pediu que eu a colocasse na cama.

Durante nossa conversa uma senhora que estava na mesma enfermaria precisou ir ao banheiro e me chamou para ajudá-la a tirar o sono. Quando retornou do banho pediu que eu colocasse de volta.

Foi legal! Tu gosto de me sentir útil.

A jovem perguntou quem era o rapaz que estava observando. Era o novato, logo o chamei e ele se apresentou. Tudo muito natural.

A noxe é bastante popular entre as enfermeiras

e amiga de algumas pacientes. Ela queria continuar a conversa, mas acho que passamos muito tempo conversando, e foi bom, nem notamos o tempo passar.

Senti aquela jovem de 17 anos, completamente perdida, solitária e carente, a necessidade de estar em uma rede social só refleti o impacto de sua solidão que tenta ser suprida com os amigos virtuais.

Ela é também bastante curiosa, perguntava ~~tudo~~ coisas sobre mim.

~~Imaginação~~

Submersa a uma sociedade que a marginaliza, esta jovem sem sonhos, sem expectativas, solitária, vive apenas mais um dia.

1h 28 min.

que era um pouco difícil para ele porque de vez em quando ela tremia o corpo todo por causa de enfermidade, tremia, e ao que eu perguntava se ela estava bem ou se queria que eu chamasse a sua mãe, ele dizia que não.

Percebi que as histórias sobre pipa e infância que eu lhe contei a fazia sorrir. Perguntei se ela gostava de pipas ou se brincava na infância ela disse que não, ^{que não gostava muito} preferia ~~brincar~~ bonecas. Também falou ~~também~~ tinha um tio que gostava muito, mas que morreu.

Me senti emocionado a terminar a oficina e não gostei de escrevermos o relato na varanda tão perto ~~deles~~ deles.

Os olhos dele brilharam ^{o ele sorria quando viu a pipa} 26.09.2014 (20) 9h45 min.
A pequena menina da colônia do Serra ^{de 10 anos} João do Norte, os seus nove anos de vida, apesar de sua condição de saúde limitada, adora brincar com os amigos; brinca de boneca, panelinha, cabra cega, "covida", pira-se-esconde.

Uma vez ele estava à beira do rio com a mãe, primos e amigos; a mãe sugeria que ela ficasse sentada na parte rasgada da água, mas ^{os} amigos a encorajaram a tentar nadar. ^{estava} O menino se afogando e sua mãe a resgatar, essa ^{travessura} experiência lhe custou dois copos cheios de água e, a ^{modo} lição de que não tente mais nadar.

Perguntei o que ele mais gosta de fazer, ele disse que era brincar. O qual foi a experiência mais importante e importante de sua vida, ele falou que foi ter com o papai Noel no natal de 2012. ^{em} Todas as crianças

que estavam internadas no HUSBB que estavam em ~~um restaurante~~ ^{condições jogam} para um almoço especial promovido pelo hospital.

Ele ganhou uma boneca e até hoje cuida bem dele.

* A tia também fez uma pipa

* A enfermeira que entrou fez uma piada de péssimo gosto em relação ao estado físico da menina.

"com todo esse bariço, tu não buô?"

10h33min

Entº 205 10h34min - 10h57min

O pequeno menino de 3 anos de idade, sorridente, adora brincar de soltar pipa. O pai dele ~~brinca~~ todos os dias que chega do trabalho ~~o~~ joga futebol com o filho quando não tem vento pro soltar pipa.

Ele adora pipe, aliás, os dois, pai e filho adoram soltar pipe juntos, mas só ~~de~~ não me na porque a mãe não deixa o menino pegar sol-chuva, ceeno... Ai, a mãe briga com o pai se leve o menino pra rua.

Eles também jogam peteca, mas adoram mesmo jogar bola e soltar pipa. O pai disse que o menino vai torcer pro Paysandu e São Paulo Futebol Clube, que nem ele.

O menino que sonha ~~com~~ ^{invenções mentais} chama o pai e diz: "olhe! Olha, pai! Tá voando!" quando a pipa se estava ponda. 11h07min

Um condutor: alguém que dirige.

Escrita: Leito → enfermaria → término
→ escrita → Leito

Prover desenvolvimento
(hipótese)

De que é contato?

Contato com o material com
pacientes!

Como eu abordo? (Método de Jorgm)
Que perguntas eu faço?

Pediatria 710. 10h06min
Leito D 10h28min
Escrita 10h29

1ª Observação: Verificar sempre
o material.

2ª Improvisar com os improvisos.

3ª Sem luva e máscara foi lindo!

* O menino que não sabe o seu
nome. 5 anos de idade, muito falante
está no hospital porque foi mordido
por uma cobra.

Sua primeira expressão ao ver a pipa
modelo de pelicaínho - foi: "Uau!"

Incrível! Meu coração disparou. Ela exa-
mente o tipo de reação que sempre sonhei
em ver com as pessoas que fazem a oficina.

Ela pergunta: "Ah! Tô vendo que você
gosta de pipa?" e ele: "Sim! Se a Pafá
estivesse aqui ela ia logo querer levar sua
pra casa." Ele contou que a irmãzinha
-vilhã o ensinou a saltar pipa, ele contou
que no caso de tia ele sempre pipa o tempo

to do, que ele também ampinha,
e faz as pipas com ele.
Aliás, toda a família, mãe,
irmãos, tios e tias, todos adoram
soltar pipas.
A avó contou que a filha mais velha
quase teve ^{um} dedo decepado porque pegou
uma linha que um garoto puxou.
A neta mais velha adora brincar
de ~~poteca~~ pipas.
O garoto contou que este vez
foi com o papão novo por causa de pipa.
Viajou p/ uma praia + pipa
Perdeu sua tesourinha favorita de fazer
pipa.
10h48 min

33 Pediatría 208
Início Leito F
10h43 min.
10h58 min.
Fui em uma enfermaria onde ninguém
tinha ido, haviam muitos bebês e crianças
pequenas, mas percebi uma menina no leito
a madrastra a insistiu em a fazer a opina.
Ela estava calada e resistiu a conversa
o tempo todo. Fizemos uma linda pipa e
em algum ponto descobri seu nome e idade.
Ela é de Acassá. A madrastra falou que
ela brinca muito, o tempo todo, mas ele
falou que ela é ruim de brincar. Quando
perguntei que o porquê, ela não respondeu.
Perguntei ainda o que ela queria ser
quando crescer. Ela disse que não sabia.
Comecei a perguntar qual a disciplina
que ele mais gosta de ver de escola, ele pensou
e disse que não gostava de brincar. Falei
o nome de todos e de nenhuma ele gostou.
Então perguntei se ele gostava de esporte,
filmes, novelas, brinquedos, formalmente
ela sorriu e disse: " Ah de-
brinquedos eu gosto."

Sugeri então que ele fosse atiriz.
Ele riu novamente e ficou
mais desconfiado. Contei que estudo
teatro e ele arregalou os olhos.
Aí incentivei a estudar mesmo que ele
não gostasse para que pudesse se tornar
uma grande atiriz.

11h 10 min.

Dois atendimentos 11h 39 min

"Pergunta pro ele, que ele vai
de contar" 208
Menino Pinoba, bom menino, atirizo
que adora jogar bola e empinar pipa
como qualquer garoto de sua idade.

Sua mãe mora em Belém, mas
ele mora com a avó em Fátima.

Em uma ocasião em que empinou
pipa ele correu e ~~caiu~~ ^{caiu} em nome
fartado a região abaixo do poste seguinte.

Ele foi cortar as unhas e ir pra
pra casa de pipa. Mas pipa só
quando foi "época" - nas férias - porque
Ari'in não tem graca, então porque os
outros dias ele gosta futebol até chegar
a sua época de fazer orações.

Ele operou de apêndice, mas saiu
logo do hospital, mas só vai embora
depois do ano.

Ele ama a vida que ele mais ama
é estar aqui em Belém no case de mãe.

ai ao shopping, ao parque, a praia, no cinema. Mas deu ficar um bom tempo e eu poder fazer modo de ir, até a casa, a casa.

→ A menina, a menina a novo conceito, disse que não tinha feito a oficina com a Tabuleiro.

→ Me reconheceu e eu o reconheci

→ Quando ele recebeu alta me abraçou.

Terminou meu tempo, mas eu queria fazer mais, conversar com mais crianças, queria ouvi-las e fazê-las sorrir.

Uma menina passou no corredor segurando um ~~suporte~~ que estava ligado a seu corpo. e um balão laranja debaixo do braço e de repente e finalmente ~~sentir~~ me senti parte deste lugar. Que estranho que maravilhoso!

Quando terminei a primeira oficina, um menino com quem eu tinha feito oficina na semana anterior, me viu, se aproximou, ficou me olhando sentado, observando e percebi que ele queria sentar ao meu lado; Ele sentou e ficou sorrindo pra mim.

O outro fez questão de me abraçar várias vezes e dizer que estava levando do a sua vida.

HU JBB - Pediatria 27.11.2014

Inf. João: 10h 40min. (Quinta-Feira)

Euf. 209.- 4

Nazarene
Acaré

10:30

criança Adulto (mãe/companheira)

Uma coisa muito interessante: A curiosidade
de saber o que há dentro da caixa - Se for
"benéfico" naturalmente despertar o interesse, ~~se~~
11.11.2010 - leite e ^{o leite, caso} contrário, nos

→ Timi-aqui - Ruan/Juan

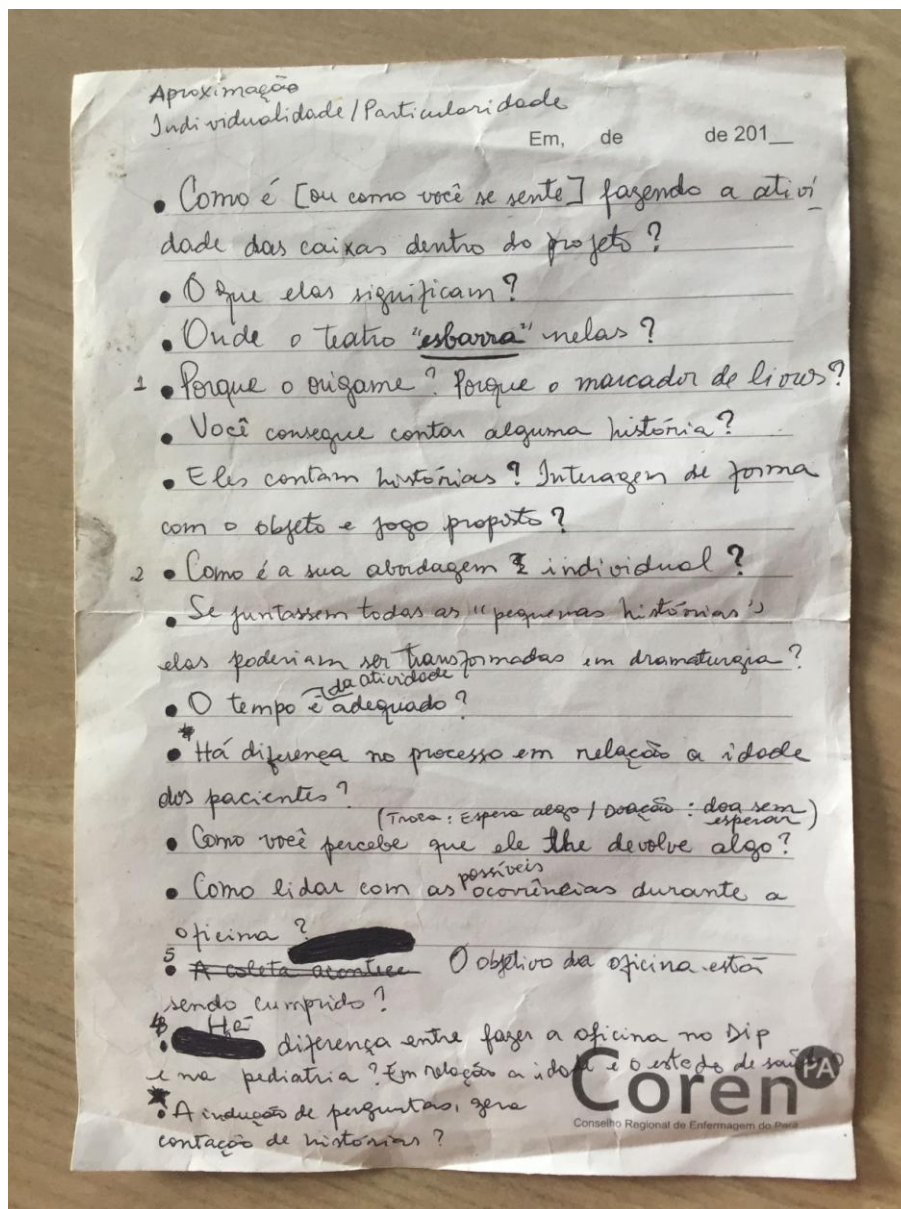
Não mostrou-se motivado.

10h 15' es 10h 17'

206 - C

Não quis fazer

APÊNDICE C – QUESTIONAMENTOS QUE AJUDARAM A COMPREENDER O QUE SÃO AS MINI-OFCINAS



- 3 • Você acha como é utilizar técnicas teatrais sem personagens e sem fazer teatro para se aproximar dos pacientes?
- ~~Qual é a~~ O que você sente quando ~~termina~~ ^{conclui} ~~uma~~ oficina?
 - Você já coletou histórias? Você percebe alterações físicas, ^{sentimentais} ~~mentais~~, comportamentais no paciente durante o processo ou após ele? Ou não, o estado ~~visível~~ dele é ~~inerte~~ ao estado do início da abordagem mesmo que ele não tenha contado histórias ou respondido as suas perguntas?
 - ~~Geralmente os~~ Como os acompanhantes dos pacientes reagem a esse abordagem? Há diferença entre o Di.e a Pedicrie?
 - Qual a importância dessas ~~mini~~ oficinas para o ~~projeto~~ Teatro Com-Vida e para a sua vida?
 - Qual é a importância de deixar algo para o paciente? como resultado ~~de~~ encontro?
 - Dentro da proposta da nova "roupagem" de mini-oficina, você consegue estabelecer um vínculo ou identificar o teatro de animação?
- 6 - Como você se sente fazendo as ~~mini~~ -oficinas?